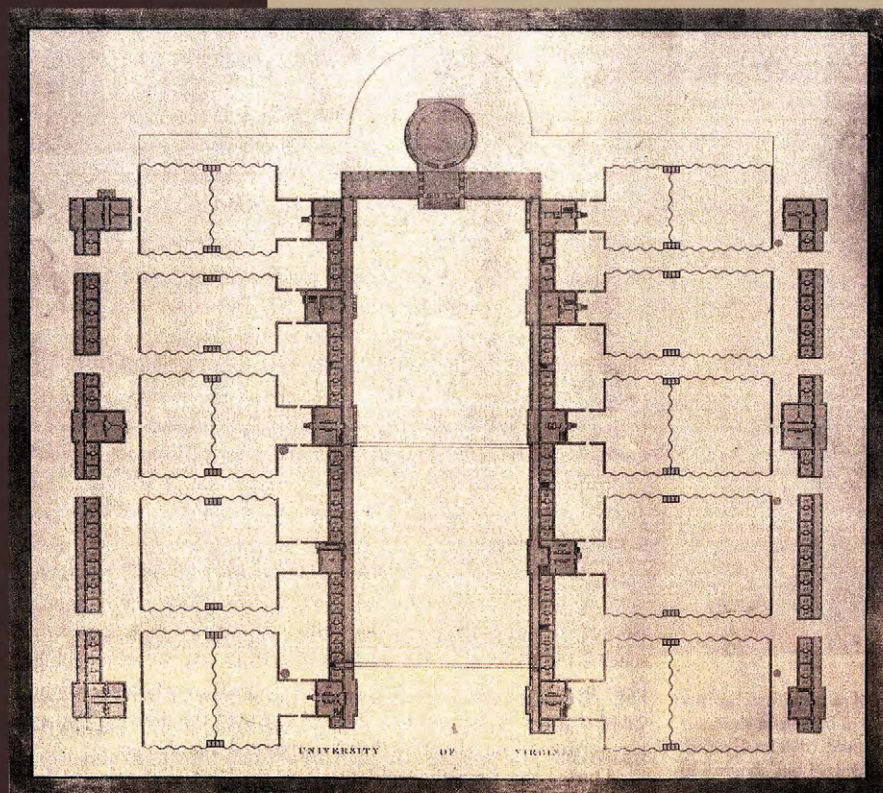


SÉRGIO MENDES

THOMAS JEFFERSON

E O PROJETO DA UNIVERSIDADE
DA VIRGÍNIA

Uma investigação sobre a tipologia
do plano do *campus*



SÉRGIO MENDES

THOMAS JEFFERSON

E O PROJETO DA UNIVERSIDADE
DA VIRGÍNIA

Uma investigação sobre a tipologia
do plano do *campus*

Julho de 2017

FICHA TÉCNICA

Título: Thomas Jefferson e o Projeto da Universidade da Virgínia:
Uma investigação sobre a tipologia do plano do *campus*

Autor: Sérgio Mendes

© Sérgio Mendes e CESAP/ESAP/DARQ/LIA, 2017

Conceção gráfica: Isabel Araújo

Imagem da Capa: Desenho por Peter Maverick

Edição: CESAP – Cooperativa de Ensino Superior Artístico do Porto

Depósito Legal: 428953/17

ISBN: 978-972-8784-78-2

Impressão e acabamento: Santa Casa da Misericórdia do Porto
– Artes Gráficas e Serviços de Imprensa

Tiragem: 300 exemplares

Julho de 2017

PREÂMBULO

O presente estudo foi elaborado no âmbito do projeto de investigação ESAP/2016-17/P34/DARQ – *Thomas Jefferson e o Projeto da Universidade da Virgínia*, financiado pela ESAP – Escola Superior Artística do Porto na sequência de um concurso com júri internacional, e será distribuído gratuitamente aos alunos do MIA – Mestrado Integrado em Arquitetura desta escola.

Para o desenvolvimento da investigação o projeto contou com a colaboração de Paula Alonso Fernández, aluna do MIA, que realizou um Estágio Creditado de Investigação nos termos do Regulamento dos Estágios Creditados de Investigação no âmbito de Projetos ESAP (ECI/ESAP).

1. INTRODUÇÃO

Thomas Jefferson (1743/1826), o terceiro presidente dos Estados Unidos da América e autor da Declaração da Independência deste país, era um arquiteto autodidata, tendo sido o responsável pela introdução do estilo neo-clássico neste país. A sua obra prima foi, reconhecidamente, o *Campus da Universidade da Virgínia* (1817/1825), a que nos referiremos doravante como UVa.

A arquitetura deste *campus* reflete diversas inovações relativamente ao que eram até então as instalações das universidades na Europa e nos Estados Unidos, como à frente veremos.

Sabe-se que, para a conceção da UVa, fruto da sua condição de autodidata, Jefferson se baseou em edifícios clássicos, tendo ainda recorrido a diversas colaborações com outros arquitetos da época.

Tipologicamente, no entanto, pouco se sabe acerca dos modelos a que este poderá ter recorrido. Não nos parece que se trate de uma eventual transposição direta de um «tipo» específico. Estamos antes convictos que se tratou de uma evolução tipológica, em que o «tipo» foi adaptado às novas funções e necessidades.

A tipologia utilizada no *campus* teve grande impacto, uma vez que o modelo daí resultante veio a ser utilizado na construção de outros *campus* universitários, tendo sido utilizado, por exemplo, na *Revisão do Plano Geral da Universidade de Aveiro* (CEFA-UP 1987/89).

A investigação que se pretende realizar (e que já foi parcialmente encetada durante a pesquisa para a nossa tese de doutoramento¹) é justamente procurar determinar, dentro da medida do possível, a origem desta tipologia, por forma a poder comprovar a sua utilização em outros projetos de arquitetura ao longo dos tempos.

2. OS CAMPUS UNIVERSITÁRIOS AMERICANOS: UM BREVE ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

A tipologia das instalações universitárias Europeias, como as de Pádua e Bolonha em Itália, por exemplo, baseava-se, inicialmente, num modelo que derivava dos conventos e mosteiros da baixa idade média, organizando-se os edifícios em torno de claustros.

Esses claustros eram essenciais para a vida universitária, como tinham sido igualmente para a vida monástica, porque asseguravam a clausura dos docentes e discentes, garantindo a sua segregação relativamente à restante população. Como referia Michael Sorkin²:

1. MENDES, Sérgio Correia de Araújo Almeida, *A REVISÃO DO PLANO GERAL DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO e a Construção do Campus de Santiago*. Dissertação de Doutoramento, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Departamento de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos, Universidad de Valladolid, 2014.

2. SORKIN, Michael, *Pamphlet Architecture 22: Other Plans: University of Chicago Studies*, Princeton Architectural Press, New York, 2001, p. 9. No original: «The originating version of such a cloistered community of scholars is, of course, the cloister, the highly ritualized monastic fellowship. Aspects of this model have great appeal: the sense of community, the quiet atmosphere of contemplation, and the historic architectures contoured to reflection and disputation. Other qualities are less attractive: the rigorous isolation from the outside world, the oppressive levels of ritual and regimentation, a certain intolerance». Tradução livre do Inglês pelo autor.

«A versão que origina uma comunidade de escolas tão claustral é, claro, o claustro, a muito ritualizada fellowship monástica. Diversos aspectos deste modelo provocam um grande apelo: o sentido de comunidade, a atmosfera tranquila propícia à contemplação, em que a arquitetura histórica conduz à reflexão e à discussão. Outras qualidades são menos atraentes: o isolamento rigoroso do mundo exterior, os níveis opressivos de rituais e regimento, uma certa intolerância».

Em Oxford (1214) e em Cambridge (1229)³ esta tipologia sofreu uma evolução. Surgiu assim o *quadrangle*, um pátio normalmente de planta quadrada ou retangular, quase sempre ajardinado, que nalguns casos ia sendo encerrado conforme iam sendo construídos os edifícios, ou seja, conforme ia havendo necessidade ou se garantiam condições de financiamento que possibilitassem a ampliação das instalações.

«Estes estabelecimentos, que aparecem como os herdeiros dos mosteiros da Idade Média organizam-se segundo uma tipologia específica que deriva do claustro: o *quadrangle*. Um conjunto de corpos de edifícios envolvem um pátio e dão abrigo ao conjunto das funções: salas de aulas, biblioteca, residências de estudantes e professores, refeitórios e capela. Este pátio fechado para a rua protege a comunidade universitária da vida urbana»⁴.

Em alguns casos, como no *Mob Quad* (Merton College, Oxford), os *quadrangles* não eram rodeados por arcadas, tendo os pátios o duplo objetivo de garantir a clausura da comunidade escolar e assegurar uma iluminação adequada dos compartimentos⁵.

3. As datas de fundação destas universidades são as referidas em LENGART, Denis; VINCE, Agnès, *Universités. Écoles Supérieures*, Le Moniteur, Paris, 1992, p. 6. Jaques VERGER afirma, no entanto, que estas datas não podem ser definidas com tanto rigor, situando a fundação da Universidade de Oxford algures no início do século XIII e a de Cambridge entre 1209 e 1225, como se pode ler em VERGER, Jaques, "Modelos", in RÜEGG, Walter (coord.), *Uma História da Universidade na Europa: As Universidades na Idade Média*, Volume I, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996, p. 59.

4. LENGART, Denis; VINCE, Agnès, *Universités. Écoles Supérieures*, op. cit., p. 6. No original: «Ces établissements, qui apparaissent comme les héritiers des monastères du Moyen Âge sont organisés selon une typologie spécifique dérivent du cloître: le quadrangle. Un ensemble de corps de bâtiments bordent une cour et abrite l'ensemble des fonctions: salles de classes, bibliothèque, logements d'étudiants et de maîtres, réfectoires et chapelle. Cette cour fermée sur la rue protège la communauté universitaire de la vie urbaine». Tradução livre do Francês pelo autor.

5. COULSON, Jonathan; Roberts, Paul; TAYLOR, Isabelle, *University Planning and Architecture: The*

Nos Estados Unidos, as instituições universitárias não começaram por ser concebidas segundo os modelos Ingleses (com algumas exceções mais tardias, seguindo modelos revivalistas, como a *Universidade Neo-Gótica de Chicago*).

Desde o início do século XVII que as instituições dedicadas ao ensino superior neste país, seguindo a opção de *Harvard* no Massachussetts, se instalaram no campo. *Harvard* foi fundada em 1636. Data desta época, segundo Denis Lengart e Agnés Vince, o aparecimento dos *hall*, espaços rurais de grande dimensão que agrupavam alojamentos e espaços didáticos. Nestas instituições, os edifícios implantavam-se em torno de um espaço retangular, normalmente ajardinado que, a partir de 1770, com a construção da *Universidade de Princeton*, se passou a designar de *campus*⁶.

Explica Richard Dober, no seu livro *Campus Planning* que, ao desejo dos colonos de preservar os modelos universitários de *Cambridge* e *Oxford* e uma instituição de ensino superior centralizada sobrepôs-se, quer a vastidão do território americano, com as longas distâncias a transpor, quer a pobreza geral, impossibilitando a instalação de uma instituição universitária numa cidade digna desse nome. Em seu lugar foram estabelecidos nove *colleges* coloniais, entre 1636 e 1780⁷.

«No início, *Harvard* pretendia duplicar as tradições de *Cambridge*, erigindo quarteirões desenhados para trazer docentes e discentes juntos numa vida intelectual e moral comum. O Colégio Antigo (1638) e o Colégio Novo (1674) ambiciosamente tentaram alojar todos os estudantes e professores debaixo do mesmo tecto. Mas a falta de dinheiro impediu o desenvolvimento do conceito, especialmente dos edifícios quadrangulares agrupados e ligados com tanto sucesso em Inglaterra pratica-

mente na mesma época. No seu lugar bastante modesto, implantaram-se estruturas individuais no campo aberto»⁸.

Nos Estados Unidos foi, de certa forma, o puritanismo, fortemente implantado neste país, a ditar as regras da construção das instalações universitárias. Procurou-se assim isolar os estudantes, preservando-os das tentações e dos vícios presentes nas cidades. No contexto das universidades isoladas, a comunidade escolar estava protegida⁹ e tinha condições para habitar, ensinar, estudar e fazer desporto sem correr, nem riscos físicos, nem riscos espirituais.

Ainda segundo Dober, o primeiro estudo de organização das instalações de uma instituição de ensino superior Americana, realizado em função das condições físicas do local onde esta se iria inserir, foi desenvolvido em 1699 para o *William and Mary College*, em Williamsburg¹⁰. Apenas no século XVIII, também segundo este autor, foi encomendado um novo estudo de ordenamento físico de outra instituição similar. Este foi encomendado, em 1792, a John Trumbull, que concebeu um plano (não executado) para a *Universidade de Yale*, prevendo a substituição dos antigos edifícios, fortemente deteriorados durante a Guerra da Independência, por novas instalações¹¹.

O primeiro plano para um *campus* nos Estados Unidos, também segundo Dober, foi elaborado para o *Union College*, em Schenectady, New York, em 1813, por Joseph Jaques Ramée, um arquiteto Francês emigrado nos os Estados Unidos¹².

No século XIX, segundo Denis Lengart e Agnés Vince, o *campus* americano isolado (no campo ou nas periferias das cidades) encontrava-se definitivamente

search for prefection, Routledge, Oxon, 2011, p. 5. Referem os autores que ao *Mob Quad*, cuja construção se terá iniciado em 1287/1289, é atribuída a honra de ter sido o primeiro *quadrangle* escolar a ter sido erigido em Oxford.

6. LENGART, Denis; VINCE, Agnés, *Universités. Ecoles Supérieures*, op. cit., p. 7.

7. DOBER, Richard P., *Campus Planning*, Reinhold Publishing Corporation, 1963, p. 13. No original: «The founding of colleges in the United States has been explained as a desire by the colonists for a literate clergy and a body of orthodox lay professionals, plus the determination of the early settlers to preserve the Old World intellectual and cultural traditions. At first they sought to emulate the university models of Cambridge and Oxford, but the vastness of the land, long travel distances and general poverty made it impossible to establish a central university and a munificent architectural setting. In place of a single institution, nine colonial colleges were chartered between 1636 and 1780».

8. Idem, p. 14. No original: «In the beginning, *Harvard* wanted to duplicate the Cambridge traditions by erecting quarters designed to bring faculty and students together in a common intellectual and moral life. The Old College (1638) and The New College (1674) ambitiously attempted to house the entire student body and masters under one roof. But lack of money prevented elaboration of the concept, especially the connecting quadrangular building groupings so successfully accomplished in England at about the same time. In their place rather plain, individual structures were sited on open land». Tradução livre do Inglês pelo autor.

9. LENGART, Denis ; VINCE, Agnés, *Universités. Ecoles Supérieures*, op. cit., p. 7.

10. DOBER, Richard P., *Campus Planning*, op. cit., p. 17.

11. Idem, p. 17.

12. Ibidem, p. 19.

formado e estruturado em torno de dois modelos distintos: um «[...] com tendências paisagísticas seguindo os trabalhos de F. L. Olmsted [...]», de que davam como exemplo o plano não realizado para o *College da Califórnia*, em Berkeley (1866), e o outro seguindo uma «[...] tendência neo-clássica representado pela *Universidade da Virgínia* [...]»¹³.

Este último, da autoria de Thomas Jefferson foi considerado por Mies van der Rohe como «o único campus Americano que merece o nome»¹⁴.

13. LENGART, Denis ; VINCE, Agnès, *Universités. Ecoles Supérieures*, op. cit., p. 7. No original: «[...] De tendance paysagère suivant les travaux de F. L. Olmsted [...]»; «[...] de tendance néo-classique représentée par l'université de Virginie [...]». Nota: Neste livro, na mesma página, os autores também referiam ainda um terceiro modelo de campus: «Parallèlement aux campus implantés hors la ville ou en périphérie se développe une autre forme d'université influencée par le modèle allemand de l'université de Berlin (1809): le campus urbain à l'américaine symbolisé par New-York University (1831) dont les bâtiments sont imbriqués dans la structure urbaine de la ville». Numa tradução livre do Francês pelo autor: «Paralelamente aos campus implantados fora da cidade ou na sua periferia desenvolve-se uma outra forma de universidade influenciada pelo modelo Alemão da Universidade de Berlim (1809): o campus urbano à Americana simbolizado pela New-York University (1831) no qual os edifícios se encontram imbricados na estrutura urbana da cidade».

14. SPAETH, David, Mies van der Rohe, Gustavo Gili, Barcelona, 1986, p. 117. No original: «El único campus Americano merecedor de tal denominación». Tradução livre do Castelhanho pelo autor. Nota: Richard Dober, por exemplo, refere-se ao campus da Universidade da Virgínia afirmando: «By any measure, Thomas Jefferson stands as the most extraordinary master planner in American education», o que, numa tradução livre do Inglês pelo autor seria algo como: «De qualquer ponto de vista, Thomas Jefferson mantém-se como o mais extraordinário planeador na educação Americana», como se pode ler em DOBER, Richard P., *Campus Planning*, op. cit., p. 21.

3. O PROJETO DA UNIVERSIDADE DA VIRGÍNIA: PARÂMETROS E MÉTODO

«De facto uma Universidade não deveria ser uma casa mas uma povoação»¹⁵.

O campus da Universidade da Virgínia, situado nos arredores de Charlottesville, foi classificado como *World Heritage Site* pela Unesco em 1987. Jefferson chamava-lhe a *Academical Village*, uma vez que consiste num pequeno conjunto de construções que formam uma comunidade, estando dotado, à época da sua construção, de alojamentos para docentes e discentes, de salas de aulas, de zonas de refeições e de uma biblioteca. Todos os edifícios são independentes, embora unidos por galerias cobertas, que ladeiam um enorme espaço relvado de uso comum¹⁶ [Figura 1].

Jefferson liderou a construção da *Academical Village* desde o início. Escolheu pessoalmente o terreno para a sua implantação, num local conhecido como *Monroe Hill*, por ter pertencido a outro eminente Virginiano, o quinto presidente dos EUA, James Monroe. Tomando como base a sua experiência enquanto estudante do *College of William & Mary* [Figura 2], em Williamsburg, igualmente na Virgínia, Jefferson decidiu o que não queria que a nova universidade fosse.

A sua experiência neste colégio não tinha sido satisfatória. Do ponto de vista didático não lhe tinha agradado a base excessivamente religiosa do ensino, que Jefferson tentou, posteriormente, eliminar¹⁷, a par com a total ausência de estudos na área das ciências. Do ponto de vista do edifício propriamente dito, onde se acotovelavam as acomodações a par com as salas de aula, tinha ficado a

15. Thomas Jefferson citado por HOWARD, Hugh, *Thomas Jefferson Architect: The Built of our Third President*, Rizzoli International Publications, New York, 2003, pp. 137 e 138. No original: «In fact an University should not be an house but a village». Tradução livre do Inglês pelo autor.

16. Conhecido por «the Lawn».

17. Cf. LASALA, Joseph M.; SHERWOOD, Patricia; WILSON, Richard Guy, «Architecture for Education», in WILSON, Richard Guy, (ed.), *Thomas Jefferson's Academical Village: The Creation of an Architectural Masterpiece*, University of Virginia Press, 2009, pp. 3 a 5.

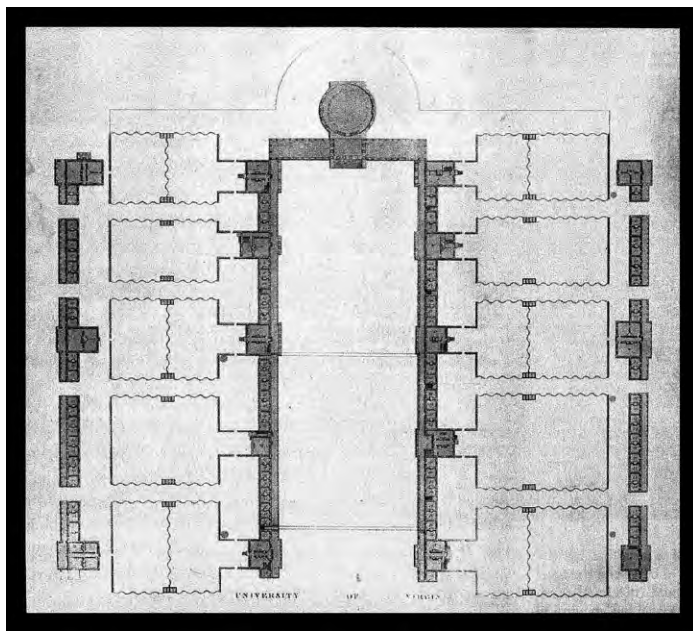


Figura 1: JEFFERSON, Thomas – Plano da Universidade da Virgínia, 1817/1825. [Desenho por MAVERICK, Peter].



Figura 2: College of William & Mary.

consciência do perpétuo incômodo com o ruído excessivo que tal proximidade acarretava, além da inevitável ausência de privacidade.

Aliados a estes aspetos, sobressaía ainda um claro desconforto provocado pela noção de que a vivência de tantos estudantes num único edifício comportava riscos de elevada mortalidade atendendo, quer ao perigo das doenças contagiosas, aspeto muito premente à época, quer ao nível do risco de incêndio que a construção maioritariamente em madeira acarretava¹⁸. Aliado a estes aspetos, Jefferson tinha ainda a consciência de que a construção do edifício tinha sido dispendiosa, devido ao material utilizado na sua execução, implicando ainda custos consideráveis ao nível da respetiva manutenção.

A solução a adotar para a Uva teria consequentemente de possibilitar a resolução destes problemas. Em 1817, Jefferson escreveu uma carta a William Thornton, um arquiteto Britânico radicado nos EUA, explicando-lhe que a sua ideia não era construir «uma construção magnífica que esgotaria todos os nossos fundos [...] [mas antes] pavilhões separados, um para cada professor [...] [e, entre estes,] uma fileira de dormitórios para os rapazes»¹⁹.

Noutra carta, desta vez endereçada a Wilson Cary Nicholas (1761/1820), governador da Virgínia entre 1814 e 1816, Jefferson explicava melhor a sua ideia. Na sua opinião seria preferível, em lugar de:

«Um imenso edifício, um pequeno para cada professor, organizados a distâncias adequadas em torno de um parque, para permitir a ampliação, ligados por uma praça, para que eles possam deslocar-se sem apanhar chuva de uma escola para outra. Esta tipologia citadina é preferível a um único grande edifício por muitas razões, principalmente aquelas relacionadas com o fogo, saúde, economia, paz e sossego»²⁰.

¹⁸. Cf. WILLS, Chuck, *Thomas Jefferson Architect: The Interactive Portfolio*, Running Press, Philadelphia, 2008, p. 72.

¹⁹. JEFFERSON, Thomas, «Letter to William Thornton (1817/05/09)», in JEFFERSON, Thomas, and others, *68 Letters to and from Jefferson, 1805-1817*, <http://etext.lib.virginia.edu/toc/modeng/public/Jef1Gri.html>, site acedido em 2012/10/27. No original: «one magnificent house which would exhaust all of our funds, [...] [mas antes] separate pavilions, one for each Professor [...] [e, entre estes,] a range of dormitories for the boys». Tradução livre do Inglês pelo autor.

²⁰. JEFFERSON, Thomas, «Letter to Wilson Cary Nicholas (1816/04/02)», in JEFFERSON, Thomas, and others, *68 Letters to and from Jefferson, 1805-1817*, <http://etext.lib.virginia.edu/toc/modeng/public/Jef1Gri.html>, site acedido em 2012/10/27. No original: «One immense building, to have a

Jefferson, como vimos, tinha a noção dos problemas relacionados com as dificuldades que colocava a construção de um único edifício, concentrando instalações e acomodações destinadas ao funcionamento de uma instituição deste tipo.

À dificuldade da recolha de fundos suficientes para fazer face à despesa total, aliavam-se os problemas de organização e articulação das diversas zonas de funcionamento do edifício, quer ao nível académico, quer ao nível das acomodações.

Aliados a estes aspetos, existiam ainda, como vimos, os problemas relacionados com o perigo de propagação de incêndio (particularmente relevantes atendendo aos sistemas construtivos utilizados tradicionalmente naquela época, maioritariamente em madeira) e os perigos relacionados com as questões sanitárias e de higiene anteriormente abordados.

«O desenho do campus reflete estas inovações. Jefferson desenhou um plano básico para a universidade em 1814 [...]. Era um princípio baseado no esquema das universidades tradicionais. As universidades que emergiram na Europa medieval – Pádua e Bolonha em Itália, Oxford em Inglaterra, e por aí em diante – foram originalmente criadas para educar os jovens para uma vida de clérigo. Por esta razão tendiam para ser orientadas para o seu interior, formando os edifícios do colégio um quadrangle – similar ao dos claustros nos quais os monges viviam, trabalhavam, e rezavam. Para a sua universidade do Novo Mundo, Jefferson em vez disso planeou uma implantação em forma de U [...] o conjunto envolvendo em três lados um espaço verde [...] mas o lado sul do relvado foi deixado aberto, para permitir a visibilidade para as montanhas circundantes [...]. Jefferson pretendia que os olhos estivessem abertos para o território Americano e as mentes abertas para as ilimitadas possibilidades que oferecia»²¹.

small one for every professorship, arranged at proper distances around a square, to admit extension, connected by a piazza, so that they go dry from one school to another. This village form is preferable to a single great building for many reasons, particularly on account of fire, health, economy, peace and quiet». Tradução livre do Inglês pelo autor.

21. WILLIS, Chuck, Thomas Jefferson Architect: The Interactive Portfolio, op. cit., p. 72. No original: «The design of the campus reflected these innovations. Jefferson drew up a basic plan for the university in 1814 [...]. It was a departure from traditional university layouts. The universities that had

Jefferson planeava assim construir um conjunto de edifícios independentes, que pudessem ir sendo construídos conforme fossem existindo fundos. Cada um destes edifícios destinava-se, no piso superior, à habitação dos professores e, no piso inferior às salas de aulas. Os quartos dos estudantes situar-se-iam entre estes edifícios, unindo-se o conjunto através de uma galeria que assegurava o acesso coberto a todos os espaços. No centro situar-se-ia um grande espaço relvado, não sendo o conjunto encerrado, mas antes aberto para sul.

A esta inovação tipológica, Jefferson aliou outra nas áreas de conhecimento a ministrar. Abrir as mentes, como anteriormente referido, implicava a possibilidade de aquisição, por parte dos estudantes, de um mais amplo campo de áreas disciplinares. As outras universidades Americanas ministravam, à época e de uma forma geral, apenas três tipos de especialização: Medicina, Direito e Religião. Na UVA, Jefferson instituiu, para além destas, o ensino de Astronomia, Arquitetura, Botânica, Filosofia e Ciências Políticas²².

Uma das suas ideias era a de que os diversos edifícios destinados ao ensino (a que Jefferson chamava pavilhões) servissem não apenas para conferir distinção e dignidade a cada área disciplinar, mas igualmente como modelos para o estudo da arquitetura em aulas ao ar livre. Disso mesmo dava conta a William Thornton, na carta anteriormente referida, quando lhe escreveu a solicitar o fornecimento de desenho para alguns desses pavilhões.

«O que nós desejaríamos é que esses pavilhões, como serão visíveis acima dos dormitórios, fossem modelos de bom gosto e boa arquitetura, e com variada aparência, todos diferentes entre si, para servirem como amostragem para as aulas de arquitetura. Poderia pôr a sua imaginação a trabalhar, e realizar-nos alguns desenhos, com a caneta, não importa o quanto indefinidos, sem a preocupação de referir escala ou

emerged in medieval Europe – Padua and Bologna in Italy, Oxford in England, and so forth – were originally intended to educate young men for a lifetime in the clergy. For this reason they tended to be inward-facing, with college buildings fully enclosing a quadrangle – similar to the cloisters in which monks lived, worked, and prayed. For his New World university, Jefferson instead planned a U shape ... with the whole enclosing a green space on three sides [...] but the south end of the Lawn was left open, to take in views of the surrounding hills [...]. Jefferson wanted the eyes to be opened to the expansive American Landscape and the mind to be opened to the limitless possibilities it offered». Tradução livre do Inglês pelo autor.

22. Cf. WILLIS, Chuck, Thomas Jefferson Architect: The Interactive Portfolio, op. cit., p. 71.

regra, pois não pretendemos mais do que o esboço da arquitetura, uma vez que o interior terá de ser organizado de acordo com as conveniências locais. Alguns desenhos, que lhe tomarão apenas um momento, tornar-nos-iam muito gratos»²³.

Este detalhe, esta pretensão de que cada pavilhão fosse distinto dos restantes, parece-nos particularmente singular. Confirma a existência de uma vontade de autonomização das áreas de ensino, de forma não apenas curricular, mas física. A intenção de que esta autonomia fosse perceptível nas distintas fachadas, possibilitando imediato reconhecimento, acentua aquele que seria o desejo de Jefferson de se distanciar do modelo da universidade-num-só-edifício característico do *College William & Mary* onde tinha estudado, e portanto, da tipologia ancestral dos edifícios universitários Europeus da idade média.

Por outro lado, vem demonstrar um particular cuidado com a criação física da universidade como um todo, mas um todo composto de partes distintas, que servissem de modelo para a aprendizagem dos diversos estilos arquitetónicos utilizados nos projetos dos pavilhões. Tratava-se, no fundo, de criar uma universidade que funcionasse, ela própria, como um percurso arquitetónico, proporcionando aos estudantes a possibilidade da aprendizagem da arquitetura através da observação direta dos edifícios que a constituíam.

Na essência, tratava-se de reproduzir, na *Academical Village*, embora em pequena escala, a diversidade formal característica da multiplicidade dos edifícios da cidade.

Thornton enviou efetivamente a Jefferson alguns desenhos para as fachadas dos pavilhões. A variedade dos modelos propostos era, no entanto, escassa,

pelo que Jefferson optou por solicitar igualmente desenhos a Benjamin Henry Latrobe (1764/1820)²⁴, outro arquiteto de origem Inglesa radicado nos EUA.

Este respondeu-lhe, por carta [Figura 3], com uma proposta para o desenho do plano da universidade, baseado na ideia original que Jefferson lhe tinha transmitido, apresentando um largo e aberto espaço livre central rodeado por oito pavilhões, separados entre si por quartos para os estudantes, e com um edifício central com uma cúpula. Juntamente com este desenho, Latrobe enviou igualmente diversas propostas para os alçados dos pavilhões²⁵.

Com base nos desenhos fornecidos por estes autênticos colaboradores, utilizando o atual significado desta palavra, e na sua própria visão, Jefferson concebeu o plano da *Academical Village*, com uma outra particularidade, porventura ainda mais significativa do que as anteriormente referidas.

Ao contrário das restantes universidades Americanas, a da Virgínia nasceu estatal, independente da Igreja²⁶, decisão com vastas implicações curriculares, tendo Jefferson ido tão longe que aboliu integralmente o ensino da teologia. A justificação para esta decisão consta de uma carta que enviou em 1820 ao seu amigo José Correia da Serra (1750/1823), um diplomata Português, explicando que «os padres das diferentes religiões [...] temem o avanço da ciência como as bruxas a aproximação do nascer do sol»²⁷.

Por esse motivo, no eixo principal da composição do plano da *Academical Village* Jefferson previu, não uma igreja, como era norma até então, mas sim a biblioteca da universidade, conhecida pelo nome de a *Rotunda*. Posicionando a «*Rotunda*» a norte, Jefferson orientou o *Lawn*, aberto, para sul, no sentido das montanhas circundantes, as *Ragged Mountains*²⁸, com uma clara intenção de

23. JEFFERSON, Thomas, «Letter to William Thornton (1817/05/09)», in JEFFERSON, Thomas, and others, *68 Letters to and from Jefferson, 1805-1817*, <http://etext.lib.virginia.edu/toc/modeng/public/Jef1Gri.html>, site acedido em 2012/10/27. No original: «What we wish is that these pavilions, as they will show themselves above the dormitories, should be models of taste & [sic] good architecture, & [sic] of a variety of appearance, no two alike, so as to serve as specimens for the Architectural Lectures. Will you set your imagination to work, & [sic] sketch some designs for us, no matter how loosely with the pen, without the trouble of referring to scale or rule; for we want nothing but the outline of the architecture, as the internal must be arranged according to local convenience. A few sketches, such as need not take you a moment, will greatly oblige us». Tradução livre do Inglês pelo autor. Também em LASALA, Joseph M.; SHERWOOD, Patricia; WILSON, Richard Guy, «Architecture for Education», op. cit., p. 16.

24. LASALA, Joseph M.; SHERWOOD, Patricia; WILSON, Richard Guy, «Architecture for Education», op. cit., p. 16.

25. Cf. LASALA, Joseph M.; SHERWOOD, Patricia; WILSON, Richard Guy, «Architecture for Education», op. cit., pp. 16 a 22.

26. CANELLA, Guido, «Passato e prospettive dell'antichità universitaria: Lezione 19 aprile 1968», in CANELLA, Guido; D'ANGIOLINI, Lucio S., *Università: ragione contesto tipo*, Dédalo Libri, Milão, 1975, p. 39.

27. WILLS, Chuck, *Thomas Jefferson Architect: The Interactive Portfolio*, op. cit., p. 76. No original: «The priests of the different religious sects [...] dread the advance of science as witches do the approach of daylight». Tradução livre do Inglês pelo autor.

28. HOWARD, Hugh, *Thomas Jefferson Architect: The Built of our Third President*, op. cit., p. 151.

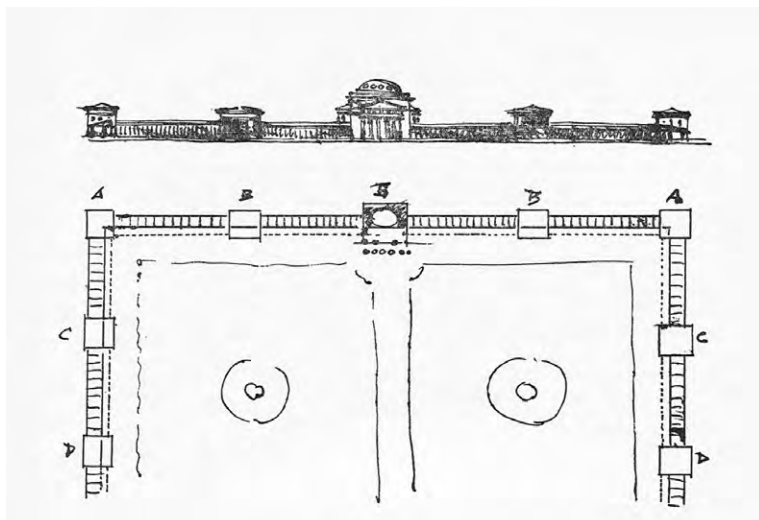


Figura 3: Excerto da carta de Benjamin Henry Latrobe, contendo a proposta do plano da Universidade da Virgínia.



Figura 4: TANNER, Benjamin – Village Design of University of Virgínia, 1826.

simbolizar assim, como vimos, as potencialidades da abertura das mentes para novos campos do conhecimento.

De cada lado do *Lawn*, Jefferson dispôs cinco pavilhões, posicionando entre estes as acomodações dos estudantes, num total de cinquenta e quatro quartos. Mais afastados do *Lawn* encontram-se, em fileira disposta paralelamente às dos pavilhões, seis *hotels*²⁹ e outros cinquenta e quatro quartos de estudantes, separados dos primeiros por jardins. No centro, o enorme relvado delimitado pela galeria coberta, desenvolve-se em suaves patamares, acompanhando o terreno. O conjunto forma um «U», possibilitando futuras ampliações da universidade. O conjunto formou assim um conjunto coeso, embora a solução tenha possibilitado a construção dos pavilhões conforme foram surgindo as indispensáveis verbas³⁰ [Figura 4].

Na *Academical Village* são particularmente interessantes as assimetrias que contrariam a aparente simetria e lógica axial. No eixo principal da composição encontra-se a *Rotunda*, posicionando-se de cada lado desta cinco pavilhões. Num ensaio publicado *online*, Jim Cocola notava que, assimetricamente, em cada pavilhão Jefferson empregou um estilo diferente de capitel. Não existe nenhum tipo de lógica, ou de padrão, na disposição dos três capitéis utilizados. Assim, nos pavilhões I, IV, VII e X a ordem é Dórica, enquanto nos pavilhões II, V, VI e IX é Jônica, surgindo a Coríntia nos restantes III e VIII³¹.

Cocola também referia que a disposição dos pavilhões não é simétrica ao longo do eixo principal de desenvolvimento da universidade, encontrando-se os primeiros, junto à *Rotunda*, mais próximos entre si e afastando-se uns dos outros

29. Nota: Os «*hotels*» destinavam-se a refeitórios e alojamentos de curta duração.

30. Em 1895 a «*Rotunda*» sofreu um incêndio, tendo a firma de New York, McKim, Mead & White, recebido o encargo de a restaurar, o que veio a acontecer pela mão do arquiteto Stanford White. Este recuperou a biblioteca, tendo ainda desenhado ainda alguns novos edifícios. Estes encerraram o conjunto, ficando formado no espaço interior o *quadrangle* que Jefferson tinha rejeitado, comprometendo para sempre a sua opção de ter uma universidade literalmente aberta para o país.

31. COCOLA, Jim, *The Ideological Spaces of the Academical Village: a Reading of the Central Grounds at the University of Virginia* [2004/12/06], in <http://faculty.virginia.edu/villagespaces/essay/>, site acedido em 2009/12/11. Nota: No seu ensaio, Cocola não refere a ordem do capitel do pavilhão VI, que foi verificado em: «Thomas Jefferson: University Pavilions. List of Classical Models: post-1817», in JEFFERSON, Thomas, and others, *68 Letters to and from Jefferson, 1805-1817*, <http://etext.lib.virginia.edu/toc/modeng/public/Jef1Gri.html>, site acedido em 2012/10/27.

conforme se aproxima o fim da galeria (cf. figs. 4.9, 4.10 e 4.20). Esta solução, segundo este autor, teria tido como objetivo corrigir o efeito de perspectiva do conjunto, necessidade esta provocada pela irregularidade do terreno³².

Outra particularidade mencionada por Cocola é a que se refere aos materiais utilizados na construção dos edifícios da UVa. Jefferson tinha a convicção de que a construção em madeira utilizada correntemente nos EUA nessa época implicava (atendendo à pouca durabilidade deste material) a reconstrução dos edifícios a aproximadamente cada cinquenta anos. Consequentemente Jefferson defendia que fossem utilizados na construção dos edifícios materiais menos perenes, que via como uma mais valia³³.

Neste contexto, é perfeitamente natural que Jefferson tenha seguido este princípio na construção do *campus*. O que é particularmente curioso foi a forma como o fez. Como refere Jim Cocola, Jefferson procurou utilizar materiais económicos e com pouca manutenção, tendo eleito o tijolo à vista e o reboco como materiais dominantes nas fachadas. No entanto, importou o melhor mármore de Carrara para a execução dos capitéis da *Rotunda*. O resultado final, segundo Cocola, é uma peculiar mistura entre economia e sumptuosidade, entre simplicidade e sofisticação³⁴.

A dualidade de critérios patente na escolha dos materiais demonstra uma preocupação pela economia e pelo, sempre pertinente, problema da manutenção dos edifícios, mantendo-lhes, no entanto, a devida qualificação e um grau de dignidade imprescindível para uma instituição deste tipo.

32. COCOLA, Jim, *The Ideological Spaces of the Academical Village...*, op. cit.

33. Thomas Jefferson [1782] citado por WILLS, Chuck, *Thomas Jefferson Architect: The Interactive Portfolio*, op. cit., p. 11. Nota: Este texto de Jefferson pode ser consultado em: JEFFERSON, Thomas, *Notes on the State of Virginia*, Query XV, http://avalon.law.yale.edu/18th_century/jeffvir.asp, site acedido em 2012/10/27. No original: «[American] private buildings are very rarely constructed of stone or brick; much the greater portion being of scantling and boards, plaster with lime. It is impossible to devise things more ugly, uncomfortable, and happily more perishable [...]. The inhabitants of Europe, who dwell chiefly in houses of stone or brick, are surely as healthy as those of Virginia. These houses have the advantage too of being warmer in winter and cooler in summer than those of wood; of being cheaper in their first construction [...] and infinitely more durable [...]. A country whose buildings are of wood, can never increase in its improvements to any considerable degree. Their duration is highly estimated at 50 years. Every half century then our country becomes a tabula rasa, whereon we have to set out anew [...]».

34. Cf. COCOLA, Jim, *The Ideological Spaces of the Academical Village...*, op. cit.

4. O PLANO DA UNIVERSIDADE DA VIRGÍNIA: NOS PRIMÓRDIOS DO PROJETO URBANO

O «Projeto Urbano», na definição que atualmente lhe dá Nuno Portas, é um processo de gestão urbanística aberto assente em três pontos essenciais: o «projeto do chão»; os termos de referência e a regulação variável³⁵.

O «projeto do chão» consiste no projeto de execução das áreas exteriores coletivas da zona de intervenção, devendo a sua construção ser iniciada tanto mais cedo quanto possível. O que defende Nuno Portas é que, se estas estiverem estabelecidas, o plano ganha viabilidade ao longo do tempo, precisamente porque as zonas coletivas permanecem imutáveis. Deste modo, se a qualquer momento se pretender alterar o destino das zonas edificáveis, não existe necessidade de alterar o plano, porque o suporte da intervenção urbanística, as referidas zonas coletivas, estão já construídas.

Os termos de referência são o instrumento, que pode ter a forma de um regulamento, que disciplina a construção dos edifícios. Este deve ser flexível, claro e versátil, para assegurar a sua eficácia se surgir alguma alteração, ao longo do tempo, que ponha em causa os pressupostos em que o plano assenta.

A regulação variável é a possibilidade que se pode atribuir ao projeto urbano de flexibilizar o que se pretende definir nas construções a edificar, elencando os parâmetros que são considerados determinantes para manter um determinado carácter que se pretende obter da operação urbanística e tornando mais versáteis os que são menos relevantes para o mesmo objetivo. Para que este processo metodológico seja viável, permitindo lidar com o que é variável, torna-se imprescindível definir a ideia clara que será o fio condutor que assegura a orientação da gestão da operação urbanística.

35. Cf. PORTAS, Nuno, *Arquitectura(s): Teoria e Desenho, Investigação e Projecto*, ed. Manuel Mendes, Faup Publicações, Porto, 2005 e PORTAS, Nuno, *Arquitectura(s): História e Crítica, Ensino e Profissão*, ed. Manuel Mendes, Faup Publicações, Porto, 2005.

O plano da Universidade da Virgínia pode ser considerado como um predecessor dos projetos urbanos a que se refere Nuno Portas. Senão vejamos:

Na UVa o «projeto do chão» passou pela definição clara das zonas coletivas que importava então definir com rigor – o grande espaço descoberto central e a galeria coberta que une todas as construções. São estes os elementos coletivos que asseguram a imagem unitária do conjunto e lhe dão suporte físico.

Os termos de referência que Jefferson definiu diziam respeito à localização dos edifícios principais e respetiva volumetria. Tratou-se, no fundo, de definir a área de implantação de cada edifício e a respetiva cércea.

A regulação variável dizia respeito à diversidade de estilos arquitetónicos e variedade de soluções utilizadas nas fachadas dos mesmos. Como vimos, não existe ordem nos estilos utilizados no *campus*, tendo sido mesmo possível solicitar estudos de alçados a mais do que um colaborador sem que se tenha perdido a imagem unitária do conjunto.

Como podemos verificar, o método utilizado por Jefferson no projeto da Universidade da Virgínia não esteve muito longe do processo defendido por Nuno Portas para a elaboração dos atuais projetos urbanos. Em grande parte, terá sido por este motivo que foi este o modelo que veio a ser utilizado pelo último para a Revisão do Plano Geral da Universidade de Aveiro³⁶.

36. Cf. MENDES, Sérgio Correia de Araújo Almeida, *A REVISÃO DO PLANO GERAL DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO e a Construção do Campus de Santiago*, op. cit.

5. UMA ESPECULAÇÃO SOBRE A ORIGEM DA TIPOLOGIA DO PLANO DA UNIVERSIDADE DA VIRGÍNIA

Como vimos, Chuck Wills defende que o *layout* que Jefferson utilizou para o plano geral da UVa é o das universidades medievais Europeias, em que os edifícios se desenvolviam em torno dos *quadrangles*. A inovação mais significativa que Jefferson introduziu nesse *layout*, e que corresponde a uma evolução desta tipologia, é a abertura de um dos lados do claustro, que até esse momento tinha sido, tradicionalmente, um espaço encerrado. Essa alteração possui um significado extraordinariamente profundo, porquanto exprime uma diferença de mentalidades substancial. Os *quadrangles* tinham por objetivo manter os estudantes enclausurados. O *layout* em forma de «U» utilizado na Universidade da Virgínia tinha como objetivos, como vimos, proporcionar aos alunos a abertura de horizontes, com o objetivo de que abrissem igualmente as respetivas mentalidades para os novos campos de estudo.

Diversos autores afirmam, no entanto, que a tipologia em forma de «U» utilizada por Jefferson na *Universidade da Virgínia* terá resultado da influência que terá representado o conhecimento dos quatro livros sobre arquitetura escritos pelo arquiteto Renascentista Italiano Andrea Palladio (1508/1580), onde constavam, para além de obras de arquitetura clássicas, igualmente diversos projetos deste autor. Sabe-se que Jefferson já tinha tido a necessidade de estudar estes tratados para construir *Monticello*³⁷, a sua casa, situada nas proximidades do terreno onde se viria a construir a *Academical Village*.

37. Cf. BEISWANGER, William L.; SMITH, Robert H., «Thomas Jefferson's», in CHEUK, Beth, (ed.), *Thomas Jefferson's Monticello*, Thomas Jefferson Foundation, Chapel Hill, 2009, p. 2 a 4. Na realidade Jefferson construiu duas versões da mesma casa: *Monticello* I e II. Os desenhos da primeira iniciaram-se em 1768 e a casa estava em acabamentos quando a sua mulher, Patty Jefferson morreu, em Setembro de 1782. Em 1796, Jefferson redesenhou a casa, refazendo-a quase totalmente. A sua família, em concreto a filha mais velha, o seu marido e seis filhos do casal, foram viver com Jefferson em *Monticello* em 1809.

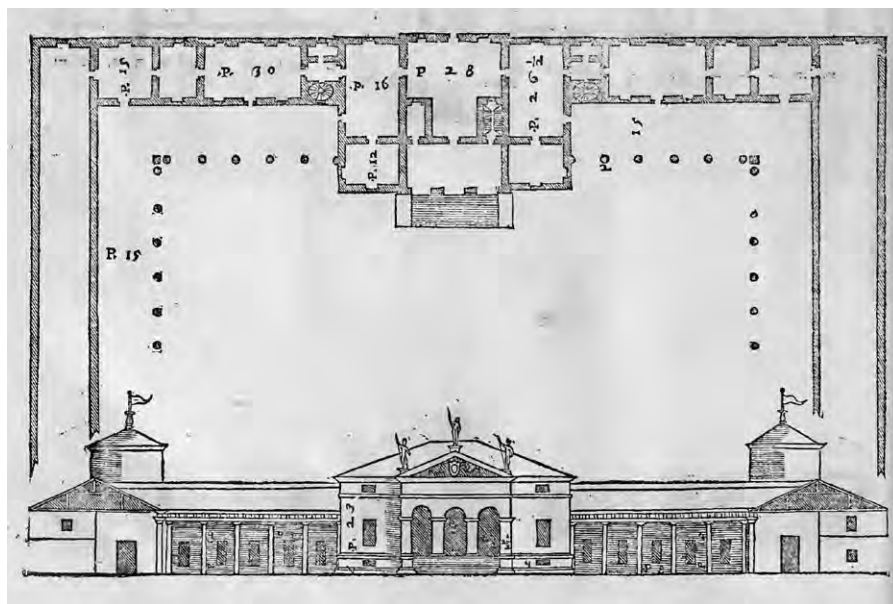


Figura 5: PALLADIO, Andrea – Villa Sarraceno, Finale, 1545?

Esta ideia, a de que Jefferson se inspirou na obra de Palladio para elaborar os seus projetos, está demonstrada. Com efeito, sabemos hoje em dia que Jefferson, que era, recordemos, um arquiteto autodidata, dedicou uma parte significativa da sua vida ao estudo da arquitetura clássica, colecionando e lendo livros sobre o tema, sendo de realçar que, entre os primeiros que comprou, constavam várias edições dos tratados sobre arquitetura daquele autor³⁸.

Diversas Villas publicadas nos quatro livros de Palladio poderão ter sido determinantes para o desenho geral da UVA. daquelas serão exemplos a Villa Sarraceno, em Finale [Figura 5], a Villa Ragona, em Ghizzole e a Villa Trissino, em Meledo, publicadas todas no segundo livro³⁹. Como característica comum o edifício principal situado ao centro, localizado ao longo do eixo maior da composição, envolvido pelos corpos mais baixos das lóginas e restantes dependências, às quais se acede sob arcada coberta. Na última é de destacar ainda o facto de a habitação, coroada com uma cúpula, se situar no ponto mais elevado do terreno.

O desenho do próprio edifício principal da UVA, a Rotunda⁴⁰, cujo nome lembra o da Villa Rotonda, em Vicenza, igualmente de Palladio (e que se encontra igualmente publicada no referido segundo livro⁴¹), foi baseada no do Panteão Romano⁴², que Jefferson conhecia através do quarto volume do tratado de

38. Cf. LASALA, Joseph M.; SHERWOOD, Patricia; WILSON, Richard Guy, «Architecture for Education», in WILSON, Richard Guy, (ed.), *Thomas Jefferson's Academical Village: The Creation of an Architectural Masterpiece*, University of Virginia Press, 2009, p. 11. Jefferson era um estudioso por natureza e um arquiteto autodidata. Possuía uma enorme biblioteca, que continha inúmeros volumes, com temas que iam desde os clássicos gregos até a diversos tratados de arquitetura. Tinha a vantagem de ler com facilidade alguns destes livros na língua original. Em criança, antes de entrar, em 1760, com 16 anos, para o *College of William and Mary*, Jefferson estudou com tutores privados e aprendeu Grego, Latim e Francês.

39. PALLADIO, Andrea, *Los cuatro libros de arquitectura: Segundo libro de la arquitectura*, Akal, Madrid, 1988, pp. 222, 223 e 228.

40. O edifício conhecido como a Rotunda terá sido aparentemente resultado de uma colaboração entre Jefferson e Benjamin Henry Latrobe, como se pode ler em WILLS, Chuck, *Thomas Jefferson Architect: The Interactive Portfolio*, Running Press, Philadelphia, 2008, p. 76.

41. PALLADIO, Andrea, *Los cuatro libros de arquitectura: Segundo libro de la arquitectura*, op. cit., p. 170.

42. Cf. LASALA, Joseph M.; SHERWOOD, Patricia; WILSON, Richard Guy, «Architecture for Education», op. cit., p. 32. Cf. PALLADIO, Andrea, *Los cuatro libros de arquitectura: Cuarto libro de la arquitectura*, Akal, Madrid, 1988, pp. 431 a 437.

Palladio, sob o nome de: «Panteão, hoje chamado a Rotunda»⁴³. Chuck Wills refere mesmo que «não espanta que Jefferson se tenha tornado o campeão do Palladianismo Americano»⁴⁴, atendendo ao facto de ambos compartilharem tão grande paixão pela arquitetura clássica⁴⁵.

Paralelamente a estas questões, parece oportuno referir que Jefferson iniciou a sua carreira de arquiteto, precisamente com uma encomenda para a ampliação do *College of William & Mary*, para o qual concebeu um esquema formando um *quadrangle*, provavelmente baseado na arquitetura universitária medieval Europeia e num dos muitos palácios publicados no segundo livro de Palladio⁴⁶. Este projeto, embora não tendo sido construído, devido à Guerra da Independência Americana, ter-lhe-á seguramente servido como um dos pontos de partida para a conceção do plano da UVa⁴⁷.

No entanto, parece excessivamente redutor circunscrever a tipologia utilizada no plano da *Academical Village* unicamente às influências anteriormente referidas. Não foi seguramente por causa da leitura dos quatro livros de Palladio que se encontravam tão despertas na mente de Jefferson, enquanto concebia o plano do *campus* da UVa, os problemas de saúde e condições sanitárias que tanto lhe tinham desagradado no *College of William and Mary*. Na nossa tese de doutoramento⁴⁸ defendemos este ponto de vista utilizando os seguintes argumentos:

Antes de mais, é imprescindível ter a noção de que Jefferson era um homem viajado. Após o falecimento da sua esposa Patty, em Setembro de 1782, Jeffer-

son passou por um período menos ativo até que, na primavera de 1784, o Congresso Americano o nomeou como representante diplomático em França. Mais concretamente em Paris, cidade onde se instalou em Agosto de 1784, no *Hotel de Langeac*, uma casa alugada, situada nos *Champs-Élysées*. Esta nova atividade manteve Jefferson em Paris durante a maior parte dos cinco anos que se seguiram. Segundo Chuck Wills, Jefferson aproveitou esse período para, entre missões oficiais e viagens pessoais, visitar outros países, nomeadamente a Inglaterra, a Alemanha, a Holanda e a Itália⁴⁹.

Wills refere ainda que, durante a sua estadia na Europa, Jefferson examinou de perto os edifícios mais marcantes – antigos e contemporâneos – que teve a oportunidade de visitar, aproveitando as estadias, particularmente em Paris, para visitar edifícios relevantes que se encontravam em construção. A importância do que viu, segundo o mesmo Wills, influenciou de algum modo o que, posteriormente, Jefferson veio a projetar⁵⁰.

Está assim balizado o período de tempo, entre 1784 e 1789, em que Jefferson viveu na Europa, particularmente em Paris. Este período específico é particularmente relevante para o tema em estudo, atendendo ao surto de construções que se sucederam nesse período na capital Francesa.

Na sequência do incêndio, em 1772, do *Hôtel-Dieu*, o hospital medieval com pior reputação da cidade⁵¹, bem como das péssimas condições gerais de higiene e cuidados básicos médicos e sanitários dos hospitais de Paris, em cujos edifícios se juntavam doentes com mendigos, órfãos, doentes mentais e cegos, vários foram aqueles que, por sua iniciativa, procuraram resolver o estado da situação calamitosa que então se vivia nestas instituições. Nikolaus Pevsner, na sua *Historia de las Tipologias Arquitectónicas*, dava conta dos seguintes acontecimentos:

43. Cf. PALLADIO, Andrea, *Los cuatro libros de arquitectura: Cuarto libro de la arquitectura*, op. cit., p. 431, numa tradução livre do Castelhanho pelo autor. No original: «Pantéon, hoy llamado la Rotonda».

44. Cf. WILLS, Chuck, *Thomas Jefferson Architect: The Interactive Portfolio*, op. cit., p. 18, numa tradução livre do Inglês pelo autor. No original: «It's little wonder that Jefferson became Palladianism's American champion».

45. *Idem*, p. 18. Nota: Wills referia-se concretamente ao apreço de Jefferson pelos clássicos. Se na arquitectura era Andrea Palladio, nas letras eram as *Odes* de Horácio, o *Aenied* de Virgílio, as peças para teatro de Shakespeare e a poesia de John Milton.

46. Cf. LASALA, Joseph M.; SHERWOOD, Patricia; WILSON, Richard Guy, «Architecture for Education», op. cit., p. 3.

47. *Idem*, p. 3.

48. MENDES, Sérgio Correia de Araújo Almeida, *A REVISÃO DO PLANO GERAL DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO e a Construção do Campus de Santiago*, op. cit.

49. Cf. WILLS, Chuck, *Thomas Jefferson Architect: The Interactive Portfolio*, op. cit., p. 29. Apesar de ter realizado uma viagem a Itália, Jefferson nunca chegou a deslocar-se a Roma, perdendo assim a possibilidade de visitar os edifícios erigidos pelos Romanos reproduzidos no tratado de Palladio, nomeadamente o Panteão.

50. *Idem*, p. 29.

51. PEVSNER, Nikolaus, *Historia de las Tipologias Arquitectónicas*, Gustavo Gili, S. A., Barcelona, 1980, p. 168. O *Hôtel-Dieu* de Paris era um hospital medieval não especializado, construído entre os finais do século XII e aproximadamente 1260. Tinha, no final da Idade Média, aproximadamente 450 camas e 1280 doentes, o que significa que eram instalados, em média, três doentes por cama, sem discriminação de tipo de doença. As cifras de mortalidade, como se pode calcular, eram medonhas.

«O abade Cochin construiu, em 1780 um pequeno hospício [...]. Beaumont, nos seus últimos anos de vida, quer dizer, entre 1780-1781, deu aos pobres um milhão de francos e o duque de La Rochefoucauld Liancourt foi o principal doador da Retraite dos Frères de la Charité, cujo edifício, de 1781-1783 foi de Antonio, arquiteto de la Monnaie. Finalmente, Nicolas Beaujon, o grande financeiro, comprou uma extensa superfície junto à Étoile e aos Champs-Élysées, e fundou um orfanato em 1784-1785»⁵².

Por outro lado, em 1788 foram publicadas as *Mémoires sur les Hôpitaux de Paris*, por M. Tenon (1724/1816), um distinto cirurgião e membro da *Société de L'École de Médecine* de Paris. Na sua obra, Tenon relatava as terríveis condições a que estavam sujeitos os doentes no hospital *Hôtel-Dieu*, afirmando que o edifício resultava num conjunto «monstruoso, mais adequado para prolongar os males, a destruir, que a restabelecer e conservar a saúde»⁵³.

Com o incêndio do hospital *Hôtel-Dieu* levantaram-se uma série de questões de que Tenon dava conta. Devia reerguer-se um novo hospital no local do anterior ou deslocalizá-lo? Seria preferível separar os convalescentes dos doentes, desmembrando o hospital?⁵⁴ As questões eram inúmeras. «A partir de 1773 e até aos primeiros anos do século XIX apareceram uma grande variedade de manifestos, panfletos, comités y projetos»⁵⁵ que, tendo começado antes, se prolongaram durante o período em que Jefferson esteve em Paris, e continuaram após o seu regresso aos Estados Unidos.

Uma importante contribuição para esta discussão aparecia refletida nos diversos livros e tratados que foram sendo publicados em diversos países, sobre

os sistemas de funcionamento, o estado das instalações e as condições operacionais dos hospitais da época. Nikolaus Pevsner deu especial destaque⁵⁶ a um autor daquele período em particular, pela autoridade que lhe conferiam os testemunhos das visitas efetuadas a diversas instituições de países Europeus. Tratava-se de John Howard (1726/1790), um abastado agricultor e filantropo Inglês que, em 1789, no último ano em que Jefferson se encontrava em Paris, publicou o tratado «*An Account of the Principal Lazarettos in Europe*»⁵⁷.

Neste tratado, Howard retratava de forma muito clara e esclarecedora, o *modus operandi*, a falta de condições de higiene, a desumanidade e, principalmente, a falta de cuidados básicos médicos e sanitários que imperavam em grande parte das leprosas, hospitais e prisões Europeias que tinha visitado. No entanto, o tratado também abordava alguns casos de instituições vistoriadas, cujas condições de salubridade e ventilação foram consideradas exemplares. As descrições destas não podiam deixar de encontrar paralelo com o que, naquele período, se defendia em Paris para os edifícios hospitalares⁵⁸.

Na época, as causas apontadas para a elevada mortalidade no *Hospital Hôtel-Dieu*, eram a falta de ventilação do edifício, que se acreditava levar à propagação das doenças contagiosas⁵⁹. Refere Thomas Markus, no seu tratado

52. *Idem*, pp. 172 e 173. No original: «El abad Cochin construyó, en 1780 un pequeño hospicio [...]. Beaumont, en sus últimos años de vida, es decir, en 1780-1781, dió a los pobres un millón de francos y el duque de La Rochefoucauld Liancourt fue el principal donante para el Retraite de los Frères de la Charité, cuyo edificio, de 1781-1783 fue de Antonio, arquitecto de la Monnaie. Finalmente, Nicolas Beaujon, el gran financiero, compró una extensa superficie junto a la Étoile y los Champs-Élysées, y fundó un orfanato en 1784-1785». Tradução livre do Castelhana pelo autor.

53. TENON, M., *Mémoires sur les Hôpitaux de Paris*, Librairie de la Faculté de Medecine, Paris, 1788, préface, p. xix. No original: «Monstrueux, plus propre à prolonger les maux, à détruire, qu'à rétablir & à conserver la santé». Tradução livre do Francês pelo autor.

54. *Idem*, p. iij.

55. PEVSNER, Nikolaus, *Historia de las Tipologías Arquitectónicas*, op. cit., p. 179. No original: «A partir de 1773 y hasta los primeros años del siglo XIX aparecieron una gran variedad de manifestos, panfletos, comités y proyectos». Tradução livre do Castelhana pelo autor.

56. *Idem*, pp. 180 e seguintes.

57. HOWARD, John, *An Account of the Principal Lazarettos in Europe; with various papers relative to the plague: together with further observations on some foreign prisons and hospitals and additional remarks on the present state of those in Great Britain and Ireland*, Warrington, London, 1789. Nota: John Howard era, como referimos, um agricultor abastado de Bedfordshire, no Reino Unido, que viveu entre 1726 e 1790. Para escrever este tratado visitou leprosas, hospitais e prisões em França, Itália, Turquia e Reino Unido.

58. Cf. com HOWARD, John, *An Account of the Principal Lazarettos in Europe ...*, op. cit. Veja-se por exemplo as descrições do Hospital de St. Bartholomew ou do de Stonehouse, ambos no Reino Unido.

59. PEVSNER, Nikolaus, *Historia de las Tipologías Arquitectónicas*, op. cit., p. 180. Nota: Na realidade, as simples condições em que os doentes permaneciam neste hospital eram mais do que suficientes para que a mortalidade atingisse os números elevadíssimos que Pevsner, a partir de diversos autores, relata. Além da falta de condições de higiene e salubridade já referidas, e de conviverem uma média de três doentes em cada cama, sem discriminação de doença, existiam situações que raiavam o absurdo. Nas salas de cirurgia, por exemplo, conviviam os doentes que iam ser operados no dia seguinte, com os que iam ser operados naquele dia e com aqueles que tinham sido operados no dia anterior...

*Buildings & Power*⁶⁰, que desde as primeiras décadas do século XVIII existia já a convicção generalizada de que a forma de combater as infeções e o contágio de doenças, era precisamente através da renovação do ar fresco dos hospitais.

«O misterioso papel do ar, limpo e nocivo, agora ocupava os principais cientistas, médicos da marinha e inventores [...]. Enquanto os percursos das infeções eram pobremente compreendidos a resposta natural era utilizar a distância. Criando um espaço entre blocos de alas era o equivalente, ao nível do edifício individual, à antiga prática de localizar as casas de pragas e peste nas ou fora das muralhas da cidade, muitas vezes separadas por rios»⁶¹.

Voltando um pouco atrás, convém ainda referir que o péssimo estado de funcionamento do hospital *Hôtel-Dieu* levou, ainda segundo Pevsner, os arquitetos Franceses e Ingleses a tentarem criar edifícios mais funcionais e higiénicos, nomeadamente nos aspetos que se prendiam com a resolução da ventilação dos mesmos. «Os primeiros a procurar os melhores planos do ponto de vista da funcionalidade – ou seja, do ponto de vista médico – foram os Ingleses [...]»⁶², razão pela qual uma comissão Francesa de académicos, constituída pelo já referido Tenon e pelo seu colega Charles-Augustin de Coulomb (1736/1806) se deslocaram, em 1787, a este país, para visitar essas instituições, no rescaldo do incêndio do hospital *Hôtel-Dieu*.

Segundo Markus, um edifício que seguramente terá causado uma grande admiração, quando foi visitado por esta missão de académicos Franceses, foi o *Hospital Naval de Stonehouse* (1756-64), em Plymouth⁶³, desenhado pelo arqui-

teto Alexander Rowehead. Tratava-se de um complexo em forma de «U», parcialmente encerrado no extremo por onde se acedia ao *quadrangle*. Os edifícios, dez pavilhões com três pisos de altura, estavam estrategicamente separados entre si, e intercalados com outros de menor dimensão destinados a serviços, encontrando-se o conjunto unido por uma galeria exterior coberta. Localizada no eixo principal da composição, do lado oposto à entrada no pátio, situava-se uma igreja.

Markus levantava, no seu livro, uma questão interessante relacionada com o facto de *Stonehouse* ser um hospital militar. Existirá, perguntava este, uma correspondência entre produção (arquitetónica, subentenda-se) e disciplina militar? Essa disciplina terá nascido nos seus espaços?⁶⁴ Ou terá sido ao contrário, perguntamos nós? Seriam os seus espaços consequência da sua disciplina?

«No campo de batalha e nas formações navais a necessidade de movimento provoca dificuldades em comprimir a organização espacial subjacente. O espaço militar é claro no campo. A sua origem está na agrimensura Romana e no planeamento das cidades»⁶⁵.

Expondo a forma como a divisão do terreno utilizada pelos Romanos criava uma grelha, Markus defende que esta é ubíqua. Usada desde o Império Romano, servindo de modelo para as colónias e cidades do continente Americano, ou ainda nas cidades Europeias do século XIX, este autor notava que a grelha não tem limites, centro ou hierarquia. Constituía, na sua opinião, «[...] a mais básica, e também a mais “democrática” estrutura espacial»⁶⁶. Tomando-a como base, a cidade podia ser edificada, os limites podiam ser estabelecidos, as entradas e os eixos podiam ser marcados e as praças e zonas a construir delimitadas. Afirma assim Markus:

ding Types, op. cit., p. 118. Nota: Markus refere-se a este hospital como o *Hospital Naval de Stonehouse*, embora o seu nome seja, na realidade, *Royal Naval Hospital*.

⁶⁴. *Idem*, p. 260.

⁶⁵. *Ibidem*, p. 260. No original: «In battlefield and naval formation the need for movement makes it difficult to grasp the underlying spatial organisation. Military space is clearer in the camp. Its origins are in Roman land surveying and town planning». Tradução livre do Inglês pelo autor.

⁶⁶. *Ibidem*, p. 260. No original: «[...] the most basic, and also the most «democratic» spacial structure». Tradução livre do Inglês pelo autor.

⁶⁰. MARKUS, Thomas A., *Buildings & Power: Freedom and Control in the Origins of Modern Building Types*, Routledge, London, 1993.

⁶¹. *Idem*, p. 113. No original: «The mysterious role of air, clean and foul, now occupied the leading scientists, naval doctors and inventors [...]. As long as infectious routes were poorly understood the natural response was to use distance. Creating a space between ward blocks was the equivalent, at the level of the individual building, to the ancient planning practice of placing plague and pest houses at or outside the city walls, often with a body of separating water». Tradução livre do Inglês pelo autor.

⁶². PEVSNER, Nikolaus, *Historia de las Tipologías Arquitectónicas*, op. cit., p. 182. No original: «Los primeros en buscar los mejores planos por la funcionalidad – o sea, desde el punto de vista médico – fueron los ingleses [...]». Tradução livre do Castelhana pelo autor.

⁶³. MARKUS, Thomas A., *Buildings & Power: Freedom and Control in the Origins of Modern Building Types*, op. cit., p. 118.

«Tudo isto aparece nos campos militares. As origens Romanas do “castrametatio” – a organização do campo – ainda é visível no layout do modelo de Lochée de 1778 de um exército do século XVIII»⁶⁷.

A formação militar dos arquitetos navais, associada à disciplina e à ordem, podem muito bem ter estado na origem da solução desenvolvida para *Stonehouse*. Markus salientava o que entendia ser uma estreita ligação entre a higiene dos hospitais navais e militares, e a forma como nestes se organizava o espaço, evidenciando que existiria certamente uma transposição dessa forma de organização dos espaços e a «[...] disciplina espacial dos acampamentos e dos campos de batalha [...]»⁶⁸, para os pavilhões repetitivos, organizados, como estes, com base numa grelha.

O *Hospital Naval de Stonehouse* foi considerado, na época, um grande avanço na resolução dos problemas de propagação de doenças, que tão elevada taxa de mortalidade provocavam no hospital *Hôtel-Dieu*. A solução arquitetónica desenvolvida para o *Hospital Naval de Stonehouse* demonstrava que a resposta para o dilema da propagação das doenças não residia simplesmente na ventilação dos edifícios, como acreditavam alguns dos investigadores e académicos da época, mas também na separação física das diversas alas dos hospitais.

Por essa razão, John Howard chamou-lhe mesmo, no seu *Lazarettos*, «este nobre hospital»⁶⁹, referindo ainda neste mesmo tratado que tinha procedido à publicação de um desenho de *Stonehouse* no seu trabalho anterior⁷⁰, *The State*

67. *Ibidem*, p. 260. No original: «All these appears in militar planning. The Roman origins of “castrametatio” – the laying out of camps – are still visible in the eighteenth century army (Loché 1778) [...] model layout». Tradução livre do Inglês pelo autor. Nota: O layout do campo militar referido tem um eixo central no qual está localizada, na parte de trás, a tenda do coronel, flanqueada simetricamente pelo tenente-coronel e pelo major numa linha acima e em ângulos retos com o eixo. A seguir três linhas de tendas em largas parcelas, para oficiais de menor importância, separados por uma extensa rua dos oficiais, e finalmente blocos de densas mas espaçadas tendas com estreitas ruas para os militares do mais baixo escalão.

68. *Ibidem*, p. 114. No original: «[...] spatial discipline of camps and battlefield [...]». Tradução livre do Inglês pelo autor.

69. HOWARD, John, *An Account of the Principal Lazarettos in Europe...*, op. cit., p. 187. No original: «This noble hospital». Tradução livre do Inglês pelo autor.

70. *Idem*, p. 180.

of the Prisons in England and Wales⁷¹. Esta última compilação, que versava sobre as condições das prisões não apenas em Inglaterra, mas também em diversos países Europeus, teve diversas edições. A primeira, de 1777, de resto como o nome indica, não continha nenhum desenho, nem referências a *Stonehouse*⁷², mas na edição Francesa, de 1788, cujo conteúdo tinha sido consideravelmente alargado relativamente à primeira, constava efetivamente um desenho em perspetiva deste hospital⁷³ [Figura 6].

Contudo, este não foi o único tratado daquela época a publicar desenhos do *Hospital Naval de Stonehouse*. Em 1801, J. Durand (1760/1834) publicou *Recueil et Parallèle*⁷⁴, um tratado de índole essencialmente tipológica onde, em 92 pranchas, surgiam representados edifícios de diversas épocas, agrupados pelas suas funções, entre os quais se encontrava justamente uma planta deste hospital⁷⁵ [Figura 7].

Os tratados anteriormente referidos foram ambos publicados em Paris, o de Howard em 1788, e o de Durand em 1801. Ou seja, o primeiro durante o período em que Jefferson viveu nesta cidade, e o segundo dois anos após a sua partida.

71. HOWARD, John, *The State of the Prisons in England and Wales, with preliminary observations, and an account of some foreign prisons*, Warrington, London. Nota: Foram publicadas três edições deste livro. Uma primeira em 1777, uma segunda em 1784 e duas versões bastante mais completas em língua Francesa, em 1788 e 1791. Além destas, Howard publicou em 1780 um «Appendix to the State of the Prisons», igualmente pela Warrington. O seu interesse pelas prisões, e pelas condições de vida dos presos, foi despertado pelo facto de ele próprio ter sido prisioneiro de guerra Francês em 1756.

72. Nota: Não nos foi possível consultar a edição de 1784. No «Appendix» referido na nota de rodapé anterior, também não existe nenhuma referência ao Hospital Naval de Stonehouse.

73. HOWARD, John, *État des Prisons, des Hôpitaux et des Maisons de Force*, Tomo 2, Lagrange, Paris, 1788, prancha 21 (situada entre as pp. 398 e 399). Como o nome o indica, esta edição já não incide unicamente sobre prisões, debruçando-se igualmente sobre diversos tipos de hospitais. Nota: A este propósito, refira-se que Nicolaus Pevsner, na sua *Historia de las Tipologias Arquitectónicas*, refere erradamente, na p. 180, que Howard reproduziu uma imagem de Stonehouse na edição de 1789 do seu *Lazarettos* o que, na realidade, não corresponde à verdade.

74. DURAND, Jean-Nicolas-Louis, *Recueil et Parallèle des édifices de tout genre, anciens et modernes, remarquables par leur beauté, par leur grandeur ou par leur singularité, et dessinés sur une même échelle*, ed. do autor, Paris, 1801.

75. As páginas ilustradas deste tratado estão ordenadas segundo as funções dos edifícios. A planta do Hospital Naval de Stonehouse aparece publicada na gravura 29. As últimas páginas ilustradas são dedicadas a detalhes decorativos de várias origens, representados a uma escala superior às dos edifícios.



Figura 6: ROWEHEAD, Alexander – *Royal Naval Hospital, Plymouth*, 1756/64. Perspetiva publicada em HOWARD, John, *État des Prisons, des Hôpitaux et des Maisons de Force*, 1788.
[Nota: A perspectiva foi desenhada sem a representação dos dois primeiros pavilhões].

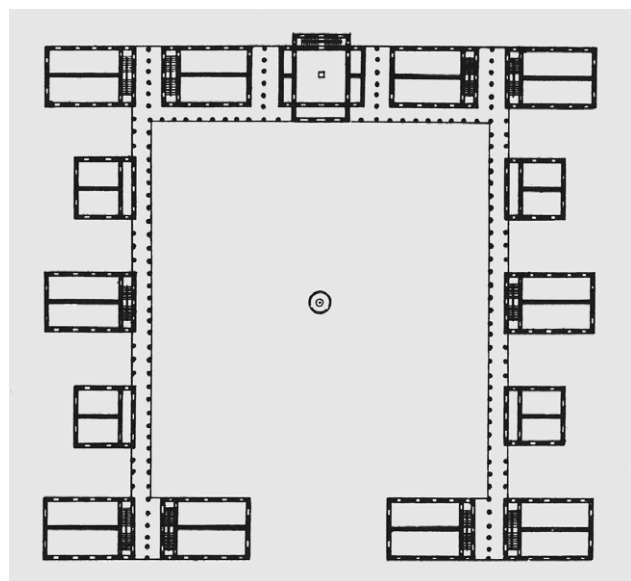


Figura 7: ROWEHEAD, Alexander – *Royal Naval Hospital, Plymouth*, 1756/64.
[Planta publicada em DURAND, Jean-Nicolas-Louis, *Recueil et Parallèle...*, 1801].

Não nos é possível, com os dados de que dispomos, provar que Jefferson tenha adquirido estes tratados. Os diversos autores e bibliografia consultados não fazem nenhuma referência a este tema. O que podemos afirmar, é que este viveu num local, e época, onde o tema das condições de salubridade e higiene dos hospitais e prisões públicas era motivo de acesas discussões.

Dispor do conhecimento, como vimos anteriormente, de que Jefferson era um leitor compulsivo, que tinha por hábito comprar livros sobre arquitetura, apenas nos habilita a especular que eventualmente este os possa ter adquirido, porventura mesmo após o seu regresso aos Estados Unidos.

Existe uma evidente semelhança entre a forma como o *Hospital Naval de Stonehouse* e a *Universidade da Virgínia* foram organizados, ambos com uma planta em forma de «U», constituídos ambos por pavilhões isolados; contendo ambos um edifício singular, localizado no eixo principal da composição; o conjunto dos complexos, em ambos os casos, dotados de uma galeria exterior coberta que tudo une. Todos estes aspetos nos fazem crer que essa aquisição tenha sido efetuada⁷⁶. Senão vejamos:

Pevsner afirmava que a prisão mais inovadora, do ponto de vista arquitetónico, que Howard apresentou na primeira edição do *The State of the Prisons in England* (1777), foi a *Maison de Force*, em Ackerghem, nos arredores de Ghent (Gante), na Flandres, construída em 1772-1775 com autoria dos arquitetos Mal-faison e S. J. Kluchman⁷⁷.

Para a realização deste projeto os autores tinham-se baseado, ainda segundo Pevsner, num outro projeto publicado no jornal *Mercure de France* de Junho de 1765, que apresentaria uma visão do que seria para a época uma prisão ideal. Tratar-se-ia de um projeto realizado em 1765 por Pierre – Gabriel Bugniet (?/1806, que se caracterizaria por ter uma forma octogonal, com dezasseis corpos dispostos de forma radial, situando-se no centro um pátio circular com uma capela⁷⁸.

Pevsner, no entanto, não apresentou no seu livro o projeto de Bugniet, mas referiu que este seria inspirado, ou no projeto do hospital do século XVII de

⁷⁶. Repare-se, a este propósito, que a data da construção da UVA (1817/1825) é posterior à publicação destes tratados.

⁷⁷. PEVSNER, Nikolaus, *Historia de las Tipologias Arquitectonicas*, op. cit., p. 192.

⁷⁸. *Idem*, p. 192. Nota: Pevsner não apresenta neste livro desenhos do projeto de Bugniet.

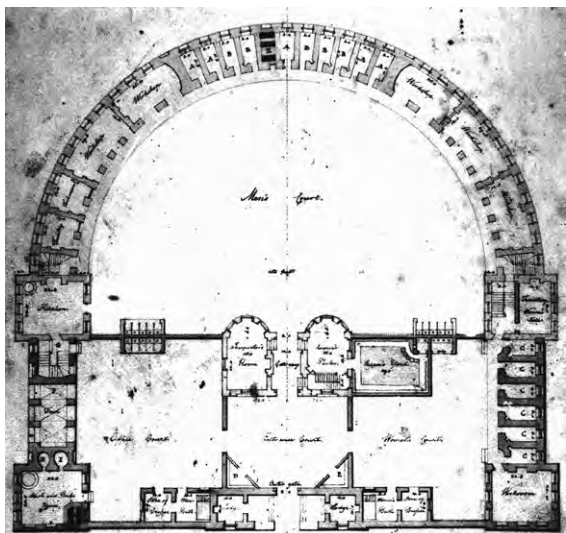


Figura 8: LATROBE, Benjamin Henry; JEFFERSON, Thomas, *Prisão de Richmond*, Virgínia, 1785 e 1797. [Planta desenhada por Latrobe, 1797].

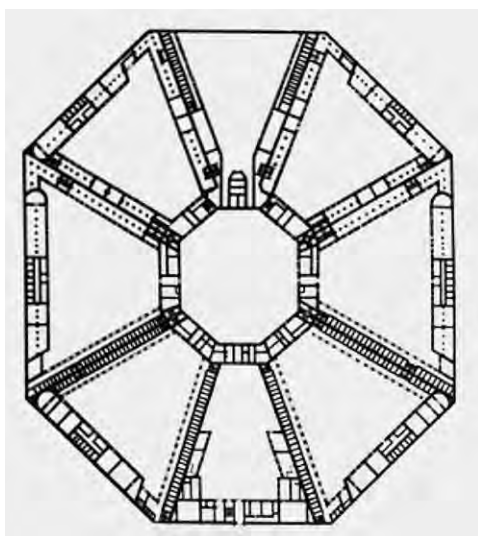


Figura 9: MALFAISON; KLUCHMAN, S. J., *Maison de Force*, Ghent, Flandres, 1772/75. [Planta publicada em DURAND, Jean-Nicolas-Louis, *Recueil et Parallèle...*, 1801].

Antoine Desgodets (1653/1728), ou no projeto de L. C. Sturn (1669/1719) do início do século XVIII⁷⁹, projetos que se baseavam numa organização radial com oito corpos, em grande parte semelhantes à *Maison de Force* de Ghent publicada por Howard.

Em 1797, Benjamin Henry Latrobe deu início a um projeto para a prisão de Richmond, na Virgínia [Figura 8], baseando-se, segundo Pevsner, em desenhos da autoria de Jefferson, que este lhe teria enviado. O que é interessante é o facto de, acompanhando esses desenhos preliminares, Jefferson ter também enviado a Latrobe o projeto da prisão modelo de Bugniet de 1765⁸⁰.

O grande interesse de Jefferson por este projeto consistia no facto de nele se preverem celas individuais para os presos, seguindo um princípio que este designava por «confinamento solitário»⁸¹, capaz de garantir aos presos melhores condições higiénicas e sanitárias do que o encarceramento em grupo em salas de maiores dimensões. Este princípio veio a ser aplicado por Latrobe no projeto para a prisão de Richmond, e por Jefferson nos quartos individuais dos alunos localizados, recorde-se, ao longo das galerias da Universidade da Virgínia [cf. Figuras 1 e 4].

Esse mesmo princípio estava consagrado na referida *Maison de Force* de Ghent que, além de ter sido publicada por Howard na edição de 1777 do *The State of the Prisons in England*, se encontrava ainda espelhada no primeiro tomo da versão Francesa deste livro, bem como no tratado de Durand⁸² [Figura 9]. Ou seja, surgia nos mesmos livros onde foi publicado o *Hospital Naval de Stonehouse*.

O facto de Jefferson, um leitor ávido com um particular interesse por arquitetura, como anteriormente referimos, ter enviado o projeto de Bugniet a

⁷⁹. *Ibidem*, p. 192.

⁸⁰. *Ibidem*, p. 196.

⁸¹. Thomas Jefferson citado por PEVSNER, Nikolaus, *Historia de las Tipologias Arquitectonicas*, op. cit., p. 196, numa tradução livre do Inglês pelo autor. Pevsner, por sua vez, recolheu a citação de Jefferson em: RICE, Howard Crosby, «A French Source of Jefferson's Plan for a Prison at Richmond», *Journal of the Society of Architectural Historians*, vol XII, n.º 4, 1953, pp. 28 e seguintes.

⁸². A planta da *Maison de Force* de Ghent foi publicada em HOWARD, John, *État des Prisons, des Hôpitaux et des Maisons de Force*, Tomo 1, s/ editor, Paris, 1791, gravura 16 (situada entre as pp. 330 e 331) e em DURAND, Jean-Nicolas-Louis, *Recueil et Parallèle...*, op. cit., gravura 28.

Latrobe, demonstra que o primeiro não estava desatento às discussões anteriormente referidas, e que conhecia o tipo de problemas envolvidos e as propostas para a resolução dos mesmos⁸³.

Este facto, aliado às semelhanças entre as soluções arquitetónicas do *Hospital Naval de Stonehouse* e da *Universidade da Virgínia*, levaram-nos assim a afirmar, e a considerar credível, que Jefferson tivesse presente o projeto deste hospital, quando iniciou os estudos da *Academical Village*⁸⁴. Repare-se, aliás, como é pertinentes esta defesa, se atendermos ao facto de Jefferson designar por «pavilhões» as construções destinadas aos professores e salas de aula da UVa, tal como são designadas as alas do *Hospital Naval de Stonehouse*.

83. Jefferson tinha conhecimentos sobre arquitetura militar e naval, como o demonstra o facto de este, numa carta enviada a John Adams, e a propósito da elaboração de um dicionário Inglês – Alemão para o qual tinha efetuado algumas contribuições, defender a sua opção por colocar este tipo de arquitetura na área das matemáticas puras, mais concretamente no ramo da geometria, atendendo ao facto de esta se basear numa »*technical combination of lines and angles [...]*», o que traduzido para Português, significa uma «combinação técnica de linhas e ângulos [...]», como se pode ler em JEFFERSON, Thomas, «*Letter to John Adams*, 15/08/1820», in JEFFERSON RANDOLPH, Thomas, (ed.), *Memoir, Correspondence and Miscellanies: from the papers of Thomas Jefferson*, vol. IV, F. Carr, Charlottesville, 1829, pp. 329 e 330.

84. Além do mais é preciso ter em linha de conta que Thomas Jefferson foi um estreito colaborador de George Washington, o primeiro presidente dos Estados Unidos da América e o homem que venceu a campanha contra os Ingleses. Jefferson foi um dos mais importantes revolucionários Americanos, e foi a pessoa escolhida pelos rebeldes para escrever a Declaração da Independência daquele país. Não seria de espantar, embora não tenhamos estudado este aspeto, por não caber no âmbito desta investigação, que Jefferson estivesse familiarizado com as formas de organização dos campos militares, com as estratégias de combate e, de uma forma geral, com a disciplina militar que anteriormente admitidos ter servido de modelo para a conceção do *Hospital Naval de Stonehouse*.

6. A TIPOLOGIA DO PLANO DA UNIVERSIDADE DA VIRGÍNIA: DAS ORIGENS AOS NOSSOS DIAS

Procuramos assim verificar se eram legítimos os argumentos anteriormente referidos e dirimidos na nossa tese de doutoramento, sobre o modelo a que Jefferson teria recorrido para projetar o plano da UVa. Decidimos iniciar a pesquisa revendo a bibliografia sobre o período em que Jefferson esteve em Paris.

Referimos anteriormente que uma comissão Francesa de académicos, constituída por M. Tenon e por Charles-Augustin de Coulomb se deslocaram, em 1787, a Inglaterra, para visitar diversos hospitais, no sequência do incêndio do hospital *Hôtel-Dieu* em Paris. Importa referir que essa comissão, criada em 1777, tinha sido mandatada para estudar as formas de melhorar as condições dos hospitais de Paris. No mesmo ano, a referida comissão abriu igualmente um concurso público de propostas, tendo recebido mais de cento e cinquenta projetos⁸⁵.

Entre as propostas recebidas encontrava-se um projeto de Jean-Baptiste Le Roy, projeto de grande relevância para a nossa pesquisa. Tratava-se de uma solução em forma de «U», contendo em cada lado 11 extensos pavilhões [Figura 10]. Particularmente interessante é a justificação da solução proposta, nas palavras do próprio Le Roy:

«*Para se formar uma ideia do hospital que proponho, é necessário imaginar as salas totalmente isoladas e dispostas como tendas num campo, ou como os pavilhões dos jardins de Marly; assim as vemos no projeto do meu hospital, dispostas sobre o comprimento. Com esta disposição, cada sala é como uma espécie de ilha isolada no meio do ar e envolvida num volume considerável deste fluido, que os ventos pode-*

85. BONASTRA, Quim; JORI, Gerard, *El uso de Google Earth para el Estudio de la Arquitectura Hospitalaria (II): Hospitales Cruciformes, Radiales y Pabellonarios*, in Ar@cne, Revista Electrónica de Recursos en Internet sobre Geografía Y Ciencias Sociales, ed. Universidad de Barcelona, n.º 123, 1 de agosto de 2009, p. 18.

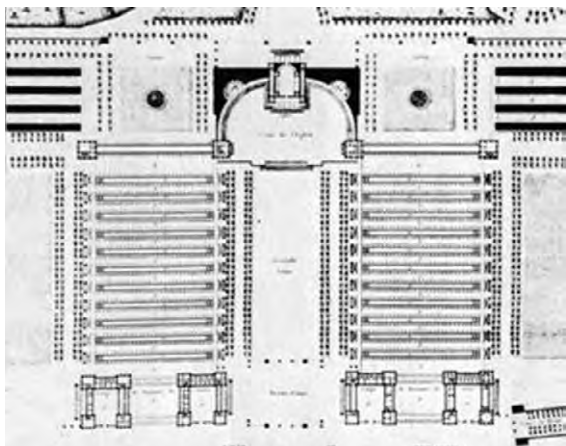


Figura 10: LE ROY, Jean-Baptiste, projeto para um hospital em pavilhões.



Figura 11: MARTIN, Pierre-Denis, representação do Castelo de Marly.

vão tomar e renovar facilmente pelo livre acesso que terão a toda a volta. Este ar, tendo sido renovado, servirá de seguida para renovar o ar das salas, sem que o mau ar de umas possa penetrar nas restantes»⁸⁶.

Este projeto, de 1777 (embora apenas publicado em 1789) evoca, novamente, as tendas nos acampamentos militares, com a sua disposição regular, a mesma disposição com origem nos acampamentos militares romanos a que Pevsner aludia, e que referimos atrás.

Mas Le Roy refere ainda, na sua memória, como vimos, os «pavilhões dos jardins de Marly». Quando lemos o texto, recordamos imediatamente que, quando pesquisávamos a origem do tipologia da Universidade da Virgínia, nos deparamos, numa fonte que agora já não conseguimos identificar, com um autor que referia que Jefferson se teria inspirado num castelo Francês para o projeto da UVa, embora não especificando que castelo seria, motivo pelo qual não aprofundamos então essa investigação. Com esta ideia na mente, fomos ver como era o Castelo de Marly [Figura 11].

Este castelo, próximo de Versailles, mandado construir pelo Rei-Sol Louis XIV em 1679, de acordo com projeto de Jules Hardouin-Mansart e Robert de Cotte, era o castelo onde o rei se refugiava quando pretendia estar longe da corte e se pretendia divertir. Por esse motivo, o complexo do castelo tinha uma configuração deveras particular e distinta da tradição dos castelos Franceses. Pode ler-se, no site do *Domaine de Marly*, que o castelo, em forma de «U», se organizava em torno de um grande lago, com diversos pavilhões dispostos nos dois eixos, destinando-se o maior, situado no extremo do eixo maior, à residência do Rei. De ambos os lados do lago, dispostos segundo o eixo menor, existiam doze pequenos pavilhões destinados aos convidados. Existiam ainda quatro outros pavi-

⁸⁶. Jean-Baptiste Le Roy, citado em BONASTRA, Quim; JORI, Gerard, *El uso de Google Earth para el Estudio de la Arquitectura Hospitalaria (II)*..., op. cit., p. 18. No original: «Pour se former une idée de l'hôpital que je propose, il faut s'en représenter les différentes salles comme entièrement isolées, et rangées comme les tentes dans un camp, ou comme les pavillons des jardins de Marly; on les voit ainsi ranges dans l'élévation de mon hôpital, prise sur la longueur. Par cette disposition, chaque salle est comme une espèce d'île dans l'air, et environnée d'un volume considérable de ce fluide, que les vents pourront emporter et renouveler facilement par le libre accès qu'ils auront tout autour. Cet air, étant ainsi renouvelé, servira ensuite à renouveler celui des salles, sans que le mauvais air des uns puisse être reporté dans les autres». Tradução livre do Francês pelo autor.

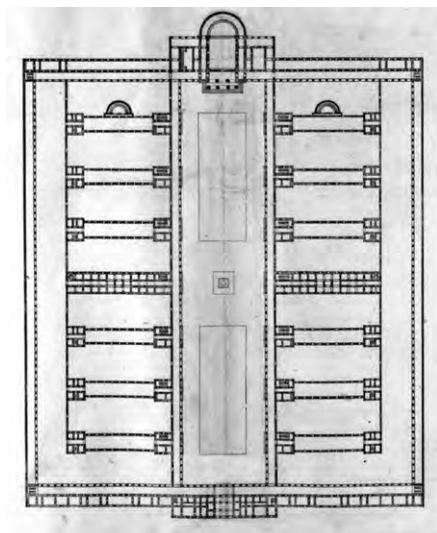


Figura 12: POYET, Bernard; TENON, M., projeto de um hospital em pavilhões, 1788.

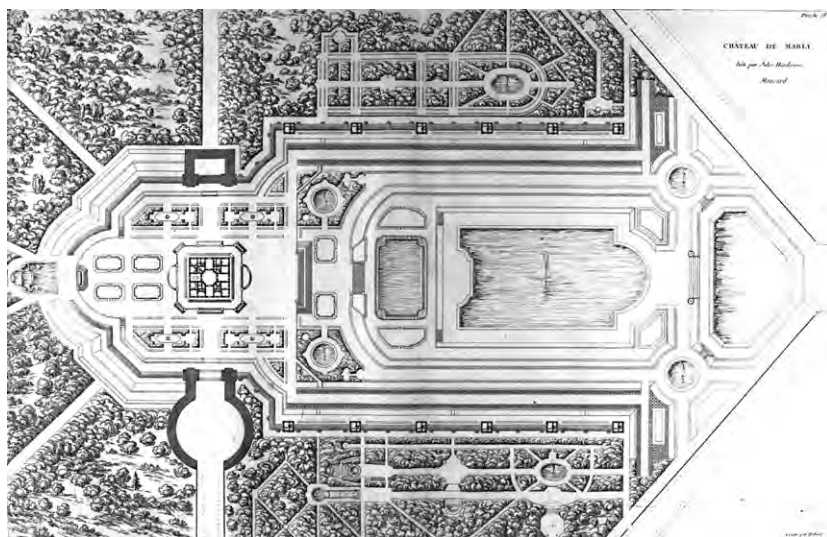


Figura 13: HARDOUIN-MANSART, Jules; COTTE, Robert de, Castelo de Marly. [Planta publicada em DURAND, Jean-Nicolas-Louis, *Recueil et Parallèle...*, 1801].

lhões, situados nas imediações do pavilhão real, destinados à capela, aos guardas e aos oficiais do exército⁸⁷.

A consulta ao site é importante, porque o castelo já não existe. A última visita de Louis XVI foi em Junho de 1789, tendo o castelo sido abandonado em agosto de 1792, existindo hoje em dias apenas vestígios dos pavilhões.

É referido ainda, no mesmo site, que o pavilhão real de Marly é uma síntese da *Villa Rotonda*, em Vicenza, de Andrea Palladio⁸⁸, o que não pode ter deixado Jefferson indiferente, atendendo ao interesse que este tinha na obra daquele.

Subitamente, estamos perante a demonstração da possível origem do plano para a UVa. Temos como referências, como vimos, os acampamentos militares, o Hospital Naval de Stonehouse, o Castelo de Marly e, novamento, as villas de Andrea Palladio.

Antes de avançarmos mais, importa ainda referir outro projeto importante para este tema. Ainda no âmbito da, já referida, comissão de académicos Francesa constituída para estudar a melhor solução para o novo hospital de Paris, Bernard Poyet (1743/1829) e o próprio Tenon elaboram, em 1788, um projeto de um hospital em pavilhões [Figura 12]. Este projeto ia de encontro ao parecer da academia, que se inclinava para uma solução que poderemos chamar em «espinha», com pavilhões dispostos perpendicularmente a um grande espaço central⁸⁹.

A configuração do Hospital Naval de Stonehouse, do Castelo de Marly e deste projeto de Poyet e Tenon são similares. Todas assentam em edifícios dispostos perpendicularmente a um grande espaço central, contendo um edifício mais representativo no extremo do eixo maior. E, importa agora referi-lo, todos estes edifícios foram publicados no tratado de Durand, o primeiro e o terceiro na prancha 29 e o segundo na prancha 58⁹⁰ [Figura 13].

87. Cf. <http://www.chateauversailles.fr/decouvrir/domaine/domaine-marly>, p. 2, site acedido em 26/05/2017.

88. *Idem, Idem*, p. 3.

89. BONASTRA, Quim; JORI, Gerard, *El uso de Google Earth para el Estudio de la Arquitectura Hospitalaria (II)*..., op. cit., p. 20.

90. Cf. DURAND, Jean-Nicolas-Louis, *Recueil et Parallèle des édifices de tout genre...*, op. cit. Nota: É importante sublinhar ainda que Durand também publicou, neste tratado, plantas de diversas villas de Palladio.

Naturalmente que podemos ainda especular que Jefferson provavelmente conhecia *Marly*. Como embaixador Americano em Paris entre 1784 e 1789, ano da última visita a *Marly* de Louis XVI, é provável que tenha sido um dos convidados do rei, ou que tenha visto reproduções do castelo durante a sua permanência em Paris, das quais a mais célebre é seguramente a de Pierre-Denis Martin (1663-1742) [ver Figura 11].

Verificar se Jefferson visitou *Marly* é uma investigação que não podemos desenvolver no âmbito deste trabalho, mas que provavelmente não seria muito difícil de determinar, se existir uma lista dos convidados das festas naquele castelo ou se Jefferson referir a visita nas suas memórias.

Não é, no entanto, determinante para a presente investigação saber se Jefferson esteve pessoalmente em *Marly*, uma vez que conseguimos comprovar um elo de ligação entre os complexos anteriormente referidos, e que é a publicação conjunta das respetivas plantas no tratado de Durand.

Como já vimos, Jefferson era um estudioso de arquitetura que possuía uma grande biblioteca sobre este tema; esteve em Paris à data de acontecimento importantes no âmbito da renovação dos hospitais de Paris, onde visitou diversos edifícios significativos da cidade, nomeadamente alguns que estavam ainda em construção; possuía os tratados de Palladio e, provavelmente terá, de alguma forma, tomado conhecimento do tratado de Durand; e não é demais voltar a referir que, em 1788, durante a permanência de Jefferson em Paris, foram publicadas a versão francesa do já referido livro de John Howard *The State of the Prisons in England and Wales*, onde constava uma perspetiva do hospital naval de *Stonehouse*, bem como as igualmente já referidas *Mémoires sur les Hôpitaux de Paris* de Tenon, onde este dava conta das visitas a hospitais que a comissão tinha efetuado e das ideias sobre o tipo de edifício que consideravam mais adequado para substituir o *Hôtel-Dieu*.

Jefferson não estava, seguramente, alheado de todas estas publicações, nem das discussões que então decorriam sobre este tema.

A tipologia utilizada no plano da Universidade da Virgínia é uma miscigenação das tipologias dos complexos e edifícios anteriormente referidos, traçada diretamente através do projeto do hospital de Le Roy, onde se cruzam Andrea Palladio, o castelo de *Marly* e os projetos embrionários do que vieram a ser os

hospitais de tipologia pavilhonar⁹¹. Tínhamos razão, quando afirmamos que era por esse motivo que Jefferson chamava pavilhões aos edifícios escolares da UVA.

Tratou-se, no fundo, de cruzar os princípios em que se baseava a arquitetura hospitalar pavilhonar, com os problemas e necessidades com que Jefferson se confrontava no projeto da nova universidade. A tipologia regular, com alas separadas, dos hospitais pavilhonares resolvia com naturalidade os problemas dos incêndios e das transmissões das doenças contagiosas que Jefferson receava, bem assim como a possibilidade de ir construindo os edifícios escolares da UVA conforme dispunha de fundos.

Também não será, certamente, menos relevante o facto de Jefferson poder assim organizar o *campus*, à semelhança dos exemplos anteriormente referidos, em torno de um grande espaço coletivo, capaz de atribuir o sentido de comunidade que pretendia conferir à nova universidade.

Determinadas as origens, podemos agora verificar se esta tipologia foi utilizada ao longo do tempo. Jefferson construiu a UVA entre 1817 e 1825. Em 1839, após a segunda pandemia de cólera em Paris, inicia-se finalmente a construção, nesta cidade, de um hospital pavilhonar com as características anteriormente referidas.

Trata-se do Hospital *Lariboisière* (1839/54), com projeto de Martin-Pierre Gauthier (1790/1855), um complexo cuja tipologia deriva diretamente do projeto de Poyet e Tenon, com um pátio central de grandes dimensões, em torno do qual se dispõe o corredor que dá acesso a todos os pavilhões, organizados perpendicularmente a este [Figura 14].

A nossa pesquisa demonstrou que, posteriormente, esta tipologia⁹² veio a ser utilizada novamente em edifícios hospitalares, nomeadamente no novo mundo. Serão de destacar, como mais representativos, embora ambos já desaparecidos, o *Satterlee General Hospital* [Figura 15], construído em Filadélfia, nos Estados

91. Sobre este tema ler: BONASTRA, Quim; JORI, Gerard, *El uso de Google Earth para el Estudio de la Arquitectura Hospitalaria (II)*..., op. cit.

92. Existem variantes da tipologia que investigamos, com edifícios paralelos entre si e organizados em torno de um espaço central coletivo. Os mais comuns são os que se organizam numa tipologia em que os edifícios também são paralelos entre si, mas dispostos ao longo de um corredor central, perpendicularmente a este. O exemplo mais representativo desta tendência será talvez o Herbert Hospital (1865), em Woolwich, Londres, baseado nos conceitos de Florence Nightingale.

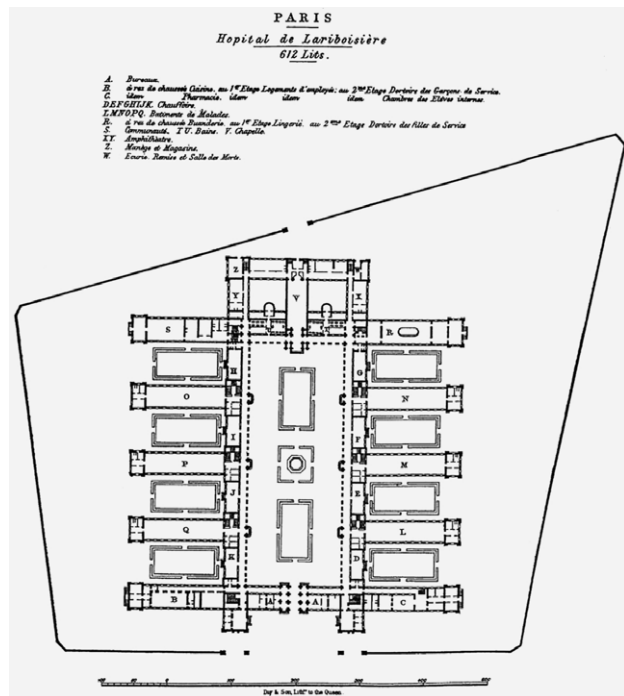


Figura 14: GAUTHIER, Martin-Pierre, Hospital Lariboisière, 1839/54.

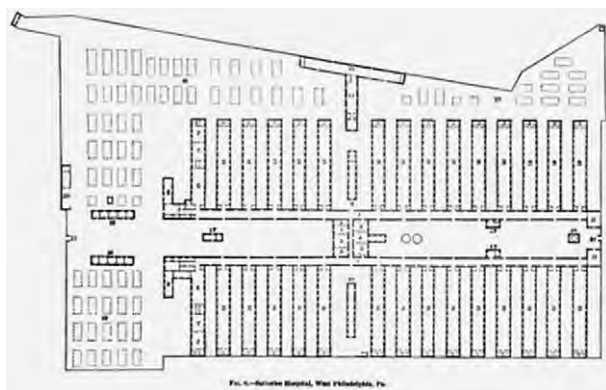


Figura 15: HAYES, Isaac Israel, Satterlee General Hospital, Filadélfia, 1862.

Unidos da América, em 1862, sob a direção de Isaac Israel Hayes, para receber os feridos da guerra civil americana e o Hospital San Vicente de Paul [Figura 16], construído em 1913, em Santiago do Chile, sob projeto de Agustín Goovaerts.

No que se refere a complexos universitários, a tipologia foi utilizada, como já referimos, pelo Centro de Estudos da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, sob direção de Nuno Portas, para o plano da Zona de Expansão Departamental Sul do Campus de Santiago⁹³, na Universidade de Aveiro [Figura 17].

Tratou-se, neste caso, da utilização da tipologia de um complexo de edifícios, como é o caso da UVa, para realizar um plano urbanístico de uma universidade, o que diz muito da sua versatilidade. Em Aveiro manteve-se a alameda central, bem como a galeria exterior coberta, e os edifícios escolares passaram a ser departamentos universitários.

Já em 1957, Philip Johnson tinha desenhado o plano da Universidade de St. Thomas [Figura 18], em Houston, no Texas⁹⁴, baseando-se justamente no plano de Thomas Jefferson para a Universidade da Virgínia⁹⁵. Tal como na Academical Village, o plano de Johnson previa uma passerelle, embora com dois pisos, unindo diversos edifícios com formas distintas, mas com a mesma altura desta. Embora a solução não seja muito semelhante à da UVa, mercê do espírito modernista do seu autor, este exemplo revela a persistência da tipologia utilizada por Jefferson.

Nos nossos dias, não podemos deixar de referir ainda o projeto para a Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (2001), de Pedro e Luís Ramalho⁹⁶ [Figura 19]. Este complexo organiza-se igualmente em torno de um espaço central descoberto de grandes dimensões, embora de forma não regular e interrompido por um auditório. A maioria dos edifícios estão dispostos paralelamente entre si e perpendicularmente ao referido espaço central descoberto, à semelhança da Universidade de Aveiro.

⁹³. Centro de Estudos da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, *Revisão do Plano Geral da Universidade de Aveiro*, 1987/89.

⁹⁴. JOHNSON, Philip – *Universidade de St. Thomas*, Houston, Texas, EUA, 1957.

⁹⁵. Cf. LEWIS, Hilary; O'CONNOR, John, *Philip Johnson: The architect in his own words*, Rizzoli, 1994, New York, p. 146.

⁹⁶. RAMALHO, Pedro; RAMALHO, Luís – *Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto*, Portugal, 2001.

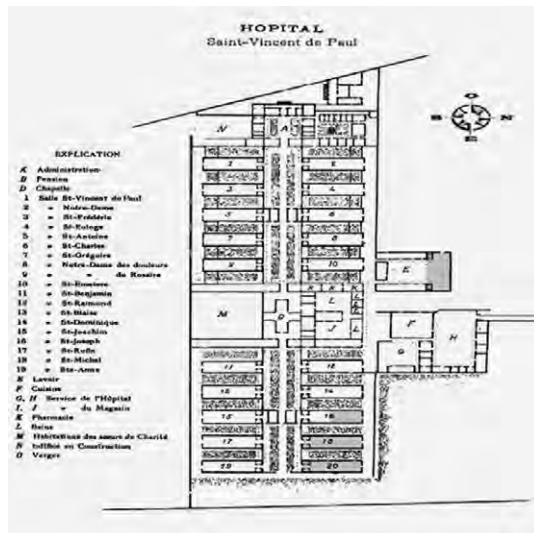


Figura 16: GOOVAERTS, Agustín, Hospital San Vicente de Paul, Santiago do Chile, 1913.



Figura 18: JOHNSON, Philip – Universidade de St. Thomas, Houston, Texas, 1957.



Figura 17: Centro de Estudos da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Revisão do Plano Geral da Universidade de Aveiro, 1987/89.



Figura 19: RAMALHO, Pedro; RAMALHO, Luís – Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, 2001.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluída a investigação, parece-nos legítimo afirmar que se conseguiu determinar qual foi o conjunto de edifícios, ou complexos, que deram forma à tipologia que Jefferson utilizou na Universidade da Virgínia. De origens tão distintas, quase que poderíamos falar do *caldo primordial* em que esta se formou.

Jefferson mesclou as tipologias utilizadas no Palácio de *Marly*, no Real Hospital Naval de *Stonehouse* e no projeto do hospital em pavilhões de Poyet e Tenon (por sua vez baseado no de Le Roy) para conceber a tipologia da UVa, tendo provavelmente tomado conhecimento das mesmas através do tratado de Durand.

Como conseguimos determinar temporalmente como esse conhecimento se deve ter dado, não interessa recuar mais na investigação, porque senão teríamos de retroceder, como vimos, aos acampamentos romanos e tal não faria sentido.

Importa, também, clarificar a contribuição efetiva de Palladio, uma vez que é a este que geralmente é atribuída a maior influência no projeto da Universidade da Virgínia. Pesem embora os seus projetos de *villas* em forma de «U», que têm alguma semelhança com a tipologia da UVa, não foi a estes, de facto, que Jefferson recorreu quando estabeleceu o plano da sua universidade. A contribuição de Palladio está muito mais relacionada com os projetos de arquitetura dos pavilhões e da biblioteca da UVa, do que com a tipologia propriamente dita.

Esta demonstrou, por outro lado, ser dotada de grande versatilidade. Trata-se, como vimos, de uma tipologia que foi adotada em hospitais e universidades ao longo do tempo. Se tivéssemos disponibilidade de tempo e verba⁹⁷, poderíamos tentar verificar se a mesma foi utilizada noutro tipo de estabelecimentos, nomeadamente prisões e hospícios que, como vimos anteriormente, John Howard também estudou.

É provável que a circunstância desta tipologia ter sido adotada para os hospitais, tenha levado igualmente à sua utilização naquele tipo de estabelecimentos. Seria ainda interessante tentar determinar a sua utilização noutro tipo de estabelecimentos de ensino que não o universitário, mas estas investigações terão de ser realizadas posteriormente, pelos motivos já expostos.

Finalmente, importa realçar que a tipologia se pode adequar a diversos tipos de projetos de arquitetura. A sua configuração em forma de espinha assegura grande versatilidade no estabelecimento das zonas de circulação, normalmente organizadas em torno do espaço central, o qual pode ser coberto ou descoberto, e a disposição dos pavilhões perpendicularmente a este último permite elevada rentabilidade na ocupação do solo, motivo pelo qual pode ser uma tipologia de grande interesse para projetos de diversos tipos de edifícios e complexos.

⁹⁷. O financiamento e o prazo para conclusão do presente projeto de investigação terminam em agosto de 2017.

8. BIBLIOGRAFIA

8.1. LIVROS E ESTUDOS ACADÉMICOS

- CANELLA, Guido; D'ANGIOLINI, Lucio S., *Universitá: ragione contesto tipo*, Dédalo Libri, Milão, 1975
- CHEUK, Beth, (ed.), *Thomas Jefferson's Monticello*, Thomas Jefferson Foundation, Chapel Hill, 2009.
- COULSON, Jonathan; Roberts, Paul; TAYLOR, Isabelle, *University Planning and Architecture: The search for perfection*, Routledge, Oxon, 2011.
- DOBER, Richard P., *Campus Planning*, Reinhold Publishing Corporation, 1963.
- DURAND, Jean-Nicolas-Louis, *Recueil et Parallèle des édifices de tout genre, anciens et modernes, remarquables par leur beauté, par leur grandeur ou par leur singularité, et dessinés sur une même échelle*, ed. do autor, Paris, 1801.
- HOWARD, Hugh, *Thomas Jefferson Architect: The Built of our Third President*, Rizzoli International Publications, New York, 2003.
- HOWARD, John, *An Account of the Principal Lazarettos in Europe; with various papers relative to the plague: together with further observations on some foreign prisons and hospitals and additional remarks on the present state of those in Great Britain and Ireland*, Warrington, London, 1789.
- HOWARD, John, *The State of the Prisons in England and Wales, with preliminary observations, and an account of some foreign prisons*, Warrington, London, 1784.
- HOWARD, John, *Appendix to the State of the Prisons*, Warrington, London, 1780.
- LENGLART, Denis; VINCE, Agnès, *Universités. Ecoles Supérieures*, Le Moniteur, Paris, 1992.
- LEWIS, Hilary; O'CONNOR, John, *Philip Johnson: The architect in his own words*, Rizzoli, New York, 1994.
- MARKUS, Thomas A., *Buildings & Power: Freedom and Control in the Origins of Modern Building Types*, Routledge, London, 1993.
- MENDES, Sérgio Correia de Araújo Almeida, *A REVISÃO DO PLANO GERAL DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO e a Construção do Campus de Santiago*. Dissertação de Doutoramento, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Departamento de Teoría de la Arquitectura y Proyectos Arquitectónicos, Universidad de Valladolid, 2014.
- PALLADIO, Andrea, *Los cuatro libros de arquitectura*, Akal, Madrid, 1988.
- PEVSNER, Nikolaus, *Historia de las Tipologías Arquitectónicas*, Gustavo Gili, S. A., Barcelona, 1980.
- PORTAS, Nuno, *Arquitetura(s): Teoria e Desenho, Investigação e Projecto*, ed. Manuel Mendes, Faup Publicações, Porto, 2005.
- PORTAS, Nuno, *Arquitetura(s): História e Crítica, Ensino e Profissão*, ed. Manuel Mendes, Faup Publicações, Porto, 2005.
- SORKIN, Michael, *Pamphlet Architecture 22: Other Plans: University of Chicago Studies*, Princeton Architectural Press, New York, 2001.
- SPAETH, David, *Mies van der Rohe*, Gustavo Gili, Barcelona, 1986.
- TENON, M., *Mémoires sur les Hôpitaux de Paris*, Librairie de la Faculté de Medecine, Paris, 1788.

- VERGER, Jaques, "Modelos», in RÜEGG, Walter (coord.), *Uma História da Universidade na Europa: As Universidades na Idade Média*, Volume I, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996.
- WILLS, Chuck, *Thomas Jefferson Architect: The Interactive Portfolio*, Running Press, Philadelphia, 2008.
- WILSON, Richard Guy, (ed.), *Thomas Jefferson's Academical Village: The Creation of an Architectural Masterpiece*, University of Virginia Press, 2009.

8.2. TRABALHOS ACADÉMICOS DISPONÍVEIS NA WORLD WIDE WEB

- BONASTRA, Quim; JORI, Gerard, *El uso de Google Earth para el Estudio de la Arquitectura Hospitalaria (II): Hospitales Cruciformes, Radiales y Pabellonarios*, in Ar@cne, Revista Electrónica de Recursos en Internet sobre Geografía Y Ciencias Sociales, ed. Universidad de Barcelona, n.º 123, 1 de agosto de 2009.
- COCOLA, Jim, *The Ideological Spaces of the Academical Village: a Reading of the Central Grounds at the University of Virginia* [2004/12/06], in <http://faculty.virginia.edu/villagespaces/essay/>

8.3. SITES CONSULTADOS NA WORLD WIDE WEB

- JEFFERSON, Thomas, and others, *68 Letters to and from Jefferson, 1805-1817*, <http://etext.lib.virginia.edu/toc/modeng/public/Jef1Gri.html>
- JEFFERSON, Thomas, *Notes on the State of Virginia*, Query XV, http://avalon.law.yale.edu/18th_century/jeffvir.asp
- <http://archive.org/details/iqattrolibridel01pall>
- https://commons.wikimedia.org/wiki/File:University_of_Virginia_Latrobe_plan_1817.jpg
- <http://digi.ub.uniheidelberg.de/diglit/durand1802/0001?sid=62b8901ecc45961661c484a-d352557f>
- <http://history.amedd.army.mil/booksdocs/wwi/MilitaryHospitalsintheUS/introduction.htm>
- <http://iasc-culture.org/THR/channels/THR/2014/02/what-public-universities-owe-the-public/>
- https://play.google.com/books/reader?id=DzxEAAAACAAJ&printsec=frontcover&output=reader&authuser=0&hl=pt_PT&pg=GBS.PP1
- <http://www.chateauversailles.fr/decouvrir/domaine/domaine-marly>
- <https://www.nps.gov/nr/twhp/wwwlps/lessons/92uva/92visual2.htm>
- <http://www.loc.gov/exhibits/jefferson/jeffrep.html>
- <http://www.scielo.cl/fbpe/img/rmc/v135n2/fig17-03.jpg>
- <http://www.ub.edu/geocrit/aracne/aracne-123.htm>

9. FONTES E CRÉDITOS DAS IMAGENS

Figura 1 – Fonte: <https://www.nps.gov/nr/twhp/wwwlps/lessons/92uva/92visual2.htm>, site acessado em 19/06/2017.

Figura 2 – Fonte: <http://iasc-culture.org/THR/channels/THR/2014/02/what-public-universities-owe-the-public/>, site acessado em 15/06/2017. Créditos: *The American Cyclopaedia* / *Wikimedia Commons*.

Figura 3 – Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:University_of_Virginia_Latrobe_plan_1817.jpg, site acessado em 19/06/2017.

Figura 4 – Fonte: <http://www.loc.gov/exhibits/jefferson/jeffrep.html>, site acessado em 16/07/2013.

Figura 5 – Fonte: PALLADIO, Andrea, *I quattro libri dell'Architettura*, Secondo Libro, [Veneza, 1570], p. 56. Edição desconhecida, exemplar da *Glasgow School of Art Library*, digitalizado em 2011 pelo *Internet Archive*, disponível em <http://archive.org/details/iquattrolibridel01pall>.

Figura 6 – Digitalizado pela Google, disponível em https://play.google.com/books/reader?id=D-zxEAAAACAAJ&printsec=frontcover&output=reader&authuser=0&hl=pt_PT&pg=GBS.PP1.

Figura 7 – Digitalizado por Universitätsbibliothek Heidelberg, disponível em <http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/durand1802/0001?sid=62b8901ecc45961661c484ad352557ff>.

Figura 8 – Planta desenhada por Latrobe, 1797. Fonte: <http://www.uvm.edu/~rmccullo/ahp-200website/class9/0901.html>, site acessado em 15/06/2017.

Figura 9 – Digitalizado por Universitätsbibliothek Heidelberg, disponível em <http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/durand1802/0001?sid=62b8901ecc45961661c484ad352557ff>.

Figura 10 – Disponível em <http://www.ub.edu/geocrit/aracne/aracne-123.htm>, site acessado em 26/05/2017.

Figura 11 – Fonte: <http://www.chateausversailles.fr/decouvrir/domaine/domaine-marly>, site acessado em 26/05/2017.

Figura 12 – Digitalizado por Universitätsbibliothek Heidelberg, disponível em <http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/durand1802/0001?sid=62b8901ecc45961661c484ad352557ff>.

Figura 13 – Fonte: DURAND, Jean-Nicolas-Louis, *Recueil et Parallèle... op. cit.*, prancha 58. Digitalizado por Universitätsbibliothek Heidelberg, disponível em <http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/durand1802/0001?sid=62b8901ecc45961661c484ad352557ff>.

Figura 14 – Fonte: <http://history.amedd.army.mil/booksdocs/wwi/MilitaryHospitalsintheUS/introduction.htm> [Figura 3], site acessado em 26/05/2017.

Figura 15 – Fonte: <http://history.amedd.army.mil/booksdocs/wwi/MilitaryHospitalsintheUS/introduction.htm> [Figura 8], site acessado em 08/05/2017.

Figura 16 – Fonte: <http://www.scielo.cl/fbpe/img/rmc/v135n2/fig17-03.jpg>, site acessado em 10/05/2017.

Figura 17 – Fonte: Centro de Estudos da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

Figura 18 – Imagem do Google Earth.

Figura 19 – Imagem do Google Earth.

ÍNDICE

3 ■	Preâmbulo
5 ■	1. Introdução
6 ■	2. Os Campus Universitários Americanos: Um Breve Enquadramento Histórico
11 ■	3. O Projeto da Universidade da Virgínia: Parâmetros e Método
21 ■	4. O Plano da Universidade da Virgínia: Nos Primórdios do Projeto Urbano
23 ■	5. Uma Especulação Sobre a Origem da Tipologia do Plano da Universidade da Virgínia
39 ■	6. A Tipologia do Plano da Universidade da Virgínia: Das Origens aos Nossos Dias
50 ■	7. Considerações Finais
52 ■	8. Bibliografia
54 ■	9. Fontes e Créditos das Imagens



esap
escola superior
artística do porto